UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

RAQUEL AZEVEDO DA SILVA

As construções de tópico marcado no português falado no Libolo/Angola

Versão Corrigida

São Paulo

2017

RAQUEL AZEVEDO DA SILVA

As construções de tópico marcado no português falado no Libolo/Angola

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da *Universidade de São Paulo*, como requisito para obtenção do título de Mestre em Filologia e Língua Portuguesa.

Versão Corrigida

De acordo

A handwritten signature in dark ink, reading "Márcia S. D. de Oliveira". The signature is written in a cursive, flowing style. The first name "Márcia" is prominent, followed by the initials "S. D." and the surname "de Oliveira".

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira

São Paulo
2017

Nome: SILVA, Raquel Azevedo da

Título: As construções de tópico marcado no português falado no Libolo/Angola

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da *Universidade de São Paulo*, como requisito para obtenção do título de Mestre em Filologia e Língua Portuguesa.

Aprovado em: 23 de Junho de 2017

Banca Examinadora

Membros titulares:

Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira
Instituição: Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Tjerk Hargemeijer
Instituição: Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Tommaso Raso
Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Maria Clara Paixão de Sousa
Instituição: Universidade de São Paulo

Membros suplentes:

Prof. Dr. Carlos Figueiredo
Instituição: Universidade de Macau

Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos
Instituição: UNILAB (São Francisco do Conde)

Profa. Dra. Flaviane Svartman
Instituição: Universidade de São Paulo

Dedicatória

Aos meus pais, Edileuza e Manoel.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e a Nossa Senhora Aparecida por mais essa conquista. Por me darem força e coragem, e por iluminarem meu caminho ao longo dessa jornada.

Agradeço à minha família, pais e irmãos, pelo apoio que me deram, sobretudo, quando mais precisei. Em especial, agradeço à minha mãe, Edileuza, por nunca ter deixado de acreditar que eu fosse capaz, por me apoiar em minhas decisões e por suas orações. Agradeço, ainda, à minha irmã, Rafaela, pela amizade e carinho.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira, por me orientar com muita sabedoria e competência. Agradeço pela oportunidade de ter ido ao Libolo e de ter desenvolvido esta pesquisa sob sua orientação. A minha gratidão, contudo, vai além da orientação: agradeço pelo carinho com que me recebeu em seu grupo de pesquisa, como aluna de Iniciação Científica em 2010, ainda em meu segundo ano de graduação; agradeço por sempre ter acreditado em mim e me apoiado; e agradeço pela amizade construída ao longo desses anos.

Agradeço aos membros da banca de qualificação, professora Dra. Maria Clara Paixão e professora Dra. Esmeralda Negrão, pelas valiosas contribuições.

Agradeço aos professores que contribuíram para minha formação nesse mestrado.

Agradeço ao Prof. Dr. Carlos Figueiredo pela oportunidade de integrar a equipe de pesquisadores na viagem de campo ao Libolo, em 2013, e pela oportunidade de fazer parte do “Projeto Libolo”.

Agradeço ao CNPq, que me concedeu dois anos de bolsa, permitindo que eu pudesse me dedicar exclusivamente à pesquisa.

Agradeço a todos os colaboradores ligados ao "Projeto Libolo" em Angola. Em especial, agradeço à Global Seguros (Companhia Angolana de Seguros), na pessoa de seu presidente Rui Eduardo Campos, pelo suporte financeiro e logístico que permitiu a realização do trabalho de campo, em 2013, do qual fui membro da equipe de pesquisadores. Agradeço à SC2 (Serviços e Comércio Lda.), na pessoa de sua presidente Sónia Clara Campos, pelo apoio em relação a questões burocráticas, que

permitiu a entrada dos pesquisadores em Angola, em 2013. Agradeço, ainda, a Rui Figueiredo - coordenador de trabalho de campo do "Projeto Libolo" - por todo o apoio logístico e disponibilidade em auxiliar a equipe de pesquisadores durante o trabalho de campo.

Agradeço à USP pelas oportunidades de aprendizado e à Pró-Reitoria de graduação pelo apoio financeiro que permitiu a minha viagem ao Libolo.

Agradeço a todos os colegas pesquisadores que estiveram comigo no Libolo, em 2013, pelo trabalho em conjunto, pelas experiências compartilhadas e por todos os momentos de descontração.

Agradeço ao amigo Eduardo Santos pela parceria ao longo desses últimos anos, pelo apoio e companheirismo na viagem de campo ao Libolo em 2013, pelas conversas e risadas.

Agradeço a Francisco Lopes pela amizade e carinho que sempre me dispensou, e por se dispor a ajudar sempre que precisei.

Agradeço a Maria Zanoli pela amizade e por compartilhar comigo experiências. Agradeço, ainda, por me auxiliar, nesta pesquisa, com o “recorte de sentenças” e com uma pré-análise de imagens geradas no *Praat*.

Agradeço a Ednalvo Campos, pela amizade no início da minha trajetória acadêmica.

Agradeço aos amigos queridos que, de alguma forma, me apoiaram e estiveram presentes ao longo dessa caminhada.

Finalmente, agradeço de todo o coração ao povo do Libolo pela atenção e carinho com que nos receberam. Sem dúvida, minha experiência no Libolo, ao longo dos dias em que lá estive, não se resume à mera coleta de dados para pesquisa, mas estende-se à experiência de vida. Ao povo do Libolo, os meus sinceros agradecimentos!

“Todo caminho da gente é resvaloso. Mas também, cair não prejudica demais - a gente levanta, a gente sobe, a gente volta!... O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: Esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. Ser capaz de ficar alegre e mais alegre no meio da alegria, e ainda mais alegre no meio da tristeza...”

(Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas)

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo descrever e analisar construções de tópico no português falado no município do Libolo/Angola (doravante, PLB). Tais construções de tópico podem ser caracterizadas, pragmaticamente, por certo sintagma/sentença que está ligado a uma sentença-comentário, sem, contudo, carregar a força ilocucionária do comentário; sintaticamente, o tópico pode ser caracterizado como um tipo de codificação de informação ligada ao sintagma complementizador (CP). Esta pesquisa, que tem como ponto de partida trabalhos sobre o tópico no português brasileiro (PB) e no português europeu (PE), apresenta um primeiro estudo do tópico em PLB, apontando, ainda, uma proposta inicial de aspectos da estrutura gramatical nesta variedade de português falada na África. A pesquisa lança, portanto, novas luzes em estudos inseridos em um projeto maior, denominado “Projeto Libolo” – ver, entre outros, Figueiredo e Oliveira (2016) –, cujo *corpus* centra-se em dados coletados em Angola nos anos de 2011, 2013 e 2016.

Palavras-Chaves: construções de tópico; português do Libolo; português falado em Angola; cotejo entre variedades de português; interface sintaxe-discurso.

ABSTRACT

This dissertation consists of a study on topic constructions in the Portuguese spoken in the municipality of Libolo/Angola (hereinafter PLB). Such topic constructions can be characterized, pragmatically, by a certain phrase/sentence that is connected to a comment sentence, without, however, carrying the illocutionary force of the comment; syntactically, the topic can be characterized as a type of information coding linked to the Complementizer Phrase (CP). The results of the research here presented, which has as its starting point the studies on topic constructions in Brazilian Portuguese (PB) and European Portuguese (PE), present a first descriptive/explanatory proposal of the topic constructions in PLB, and points out also an initial proposal of structural aspects of this variety of Portuguese spoken in Africa. The research, therefore, throws new light on studies inserted in a larger project, called "Project Libolo" – see, among others, Figueiredo and Oliveira (2016) – whose *corpus* focuses on data collected in Angola in 2011, 2013 and 2016.

Keywords: topic constructions; Portuguese spoken in Libolo; Portuguese spoken in Angola; comparison between Portuguese varieties; syntax-speech interface.

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E MAPAS

FIGURA 1 – Estrutura do CP cindido (Rizzi, 1997: 297) Pág. 21

FIGURA 2 – Estrutura entonacional da sentença: A Júlia é matemática, ela Pág. 44

FIGURA 3 – Estrutura entonacional da sentença: Você, vou te arrancar os dentes, você.
Pág. 45

FIGURA 4 – Rio Kwanza (Libolo/ Angola) Pág. 52

QUADRO 1 – Metadados: informantes de 2011 e 2013 Pág. 14

QUADRO 2 – Exemplo 1 de construção do *corpus específico* Pág. 18

QUADRO 3 – Exemplo 2 de construção do *corpus específico* Pág. 18

MAPA 1 – Localização do Libolo na área das línguas bantas Pág. 3

MAPA 2 – Província do Cuanza Sul e o Município do Libolo Pág. 4

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AP – Apêndice	PE – Português Europeu
APC – Apêndice de Comentário	PLB – Português falado no Libolo
APT – Apêndice de Tópico	PP – Sintagma Preposicional
C – Comentário	pro – pronome nulo
COD – Construções de Objeto Duplo	S – Sujeito
COM – Comentário	SFlex – Sintagma Flexional
CP – Sintagma Complementizador	T – Tópico
DE – Deslocamento à Esquerda	Top – Tópico
DP – Sintagma Determinante	Tpo ⁰ – Núcleo do Sintagma Tópico
Espec – Especificador	TopP – Sintagma Tópico
FinP – Sintagma Finitude	TP – Sintagma Tempo
Foc – Foco	V – Verbo
FocP – Sintagma Foco	VP – Sintagma Verbal
ForceP – Sintagma Force	[Ø] – Nulo
GU – Gramática Universal	[Ø _{expl}] – Nulo expletivo
IP – Sintagma Flexional	[_] – Posição vazia (<i>locus</i> de uma posição movida)
L-AcT – Teoria da Língua em Ato	(//) – Quebra prosódica terminal (limite do enunciado),
L1 – Língua materna	(/) – Quebra prosódica não terminal
L2 – Língua não materna	(ININT) – Trecho Ininteligível
NP – Sintagma Nominal	
PB – Português Brasileiro	

Sumário

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I.....	3
LIBOLO: ASPECTOS SOCIAIS E LINGÜÍSTICOS.....	3
1.1. INTRODUÇÃO À ÁREA DE ESTUDO.....	3
1.2. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA MORFOSSINTAXE DO PLB	7
1.2.1. Preenchimento do Sujeito Pronominal	7
1.2.2. Clítico acusativo de 3a. pessoa.....	10
1.3. SÍNTESE DO CAPÍTULO	12
CAPÍTULO II	13
REFERENCIAL METODOLÓGICO-TEÓRICO	13
2.1. REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	13
2.1.1. Coleta de dados em 2011 e em 2013.....	13
2.1.2. Coleta de dados em 2016	16
2.1.3. Delimitação do <i>Corpus</i> Específico.....	17
2.2. REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.2.1. Abordagem sintática de <i>tópico</i>	20
2.2.2. A abordagem discursiva de <i>tópico</i>	22
2.2.3. Tipologia do Tópico em Português	25
2.3. SÍNTESE DO CAPÍTULO	31
CAPÍTULO III.....	33
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DO PLB	33
3.1. A CATEGORIA TÓPICO CONSTRUÍDA A PARTIR DE MOVIMENTO DE ELEMENTO DA SENTENÇA-COMENTÁRIO	34
3.1.1. Movimento de argumento interno não preposicionado	34
3.1.2. Movimento de argumento interno preposicionado.....	38
3.1.3. Movimento de constituinte não argumental preposicionado.....	39
3.2. A CATEGORIA TÓPICO CONSTRUÍDA SEM MOVIMENTO DE ELEMENTO DA SENTENÇA-COMENTÁRIO	40
3.3. UM CASO DE APÊNDICE DE COMENTÁRIO	42
3.4. TÓPICO SUJEITO.....	46
3.5. CP EXPLODIDO DE RIZZI (1997)	48
3.6. SÍNTESE DO CAPÍTULO	49
CAPÍTULO IV	50

CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
APÊNDICE I.....	61
ANEXO I	63

INTRODUÇÃO

A presente dissertação, que se intitula “*As construções de tópico marcado no português falado no Libolo/Angola*”, tem por objetivo apresentar uma descrição e análise de construções de tópico no português angolano variedade falada no município do Libolo/Angola, doravante PLB, em uma perspectiva sintático-discursiva. Esta dissertação insere-se dentro de um projeto maior, o “Projeto Libolo”, coordenado pelos professores Carlos Figueiredo (Universidade de Macau) e Márcia Oliveira (Universidade de São Paulo).

O “Projeto Libolo” começou a ser concebido após uma primeira viagem de campo, ocorrida em 2011, quando Carlos Figueiredo foi ao Libolo e realizou uma primeira coleta de dados nas quatro comunas do município, Calulo, Munenga, Quissongo e Cabuta. Na altura, o objetivo era recolher dados para um projeto de caráter sociolinguístico. No entanto, a partir dessa primeira experiência surgiu a ideia de um projeto maior, que abrangesse também outras áreas de pesquisa. Uma nova viagem de campo foi realizada em 2013, com uma equipe composta por pesquisadores das áreas de linguística, história, antropologia e educação; entre os dias 08 e 26 de julho de 2013, estive no município oferecendo apoio técnico à equipe de Linguística na coleta de dados de Língua Portuguesa nas quatro Comunas do município – sobre estas informações e sobre detalhes do “Projeto Libolo”, ver Figueiredo & Oliveira (2016: 23-24). O “Projeto Libolo”, assim, abriu caminhos tanto para se ampliar os estudos dentro de áreas de conhecimento afins em áreas africanas como também colocou em evidência uma região do interior de Angola, até então, desconhecida da comunidade acadêmica.

No tocante à categoria sintática *tópico*, embora já tenha sido amplamente descrita e analisada em variedades do português falado no Brasil e no português falado em Portugal, em variedades de português falado na África, ao menos até onde se sabe, atesta-se apenas alguns trabalhos sobre o português de Angola, que se vê em Santos (2011) e Campos & Santos (2012). Em relação ao PLB, em específico, não havia ainda estudo sobre essa categoria sintática. Assim, a opção por estudar construções de *tópico* no português do Libolo veio também com o intuito de realizar um estudo inédito que viesse a alargar pesquisas acerca dessa categoria sintática em variedades de português falado na África. Faz-se necessário destacar também que esse estudo trata de

investigação sobre uma variedade de português que tem como substrato o quimbundo, uma língua africana do grupo banto. Deste modo, pretendemos ainda cooperar com a expansão do conhecimento de variedades do português em contato direto com uma língua banta e possivelmente lançar “luzes” para o estudo da categoria também em quimbundo.

Além desta introdução, esta dissertação compõem-se de outros três capítulos. No capítulo 1 apresentaremos a região em que se fala a variedade de português aqui descrita e analisada. Nesse mesmo capítulo, faremos breves considerações acerca da variedade de português falada no Libolo, tais como preenchimento do sujeito, e (não) uso de clíticos.

No capítulo 2, tratamos do referencial metodológico e teórico da pesquisa. Em parte deste capítulo, detalhamos acerca da metodologia utilizada para a construção do *corpus*, composto por dados coletados no Libolo nos anos de 2011, 2013 e 2016. Em uma segunda parte do capítulo 2, tratamos da literatura sobre o *tópico*, em que revisitamos trabalhos sobre essa categoria, sobretudo, no que tange a sua tipologia para o português brasileiro e para o português europeu.

No capítulo 3, dedicamo-nos à descrição e análise dos dados do PLB. Por fim, no capítulo 4, apresentamos a conclusão do trabalho desenvolvido.

CAPÍTULO I

LIBOLO: ASPECTOS SOCIAIS E LINGUÍSTICOS

1.1. INTRODUÇÃO À ÁREA DE ESTUDO

O município do Libolo pertence à província do Kwanza Sul, uma das 18 províncias de Angola, ao sul da África; fazem parte do Libolo as comunas de Calulo, Munenga, Quissongo e Cabuta. A área atual do município é de aproximadamente 9000km², e cerca de 2/3 de suas fronteiras são delimitadas pelos rios Kwanza (a norte), Longa (a sul) e Luínga (a leste) – para detalhes sobre a localização geográfica do município, ver Figueiredo (2016: 21).

No mapa abaixo, encontram-se em destaque a Província do Kwanza Sul – em amarelo – e o município do Libolo – em azul.

MAPA 1: Província do Cuanza Sul e o Município do Libolo (em azul)

Fonte: <http://www.kalulo.com/index.php/localizacao>

Angola, assim como muitos países africanos, exibe um contexto de plurilinguismo, de acordo com o Ethnologue (2017)¹, há 40 línguas vivas em todo o país, a maioria pertencente ao grupo banto. Após a independência, em 1975, iniciou-se um movimento de valorização das línguas locais por parte do governo e seis línguas angolanas receberam o estatuto de língua nacional, a saber, quimbundo, umbundu, quicongo, chôcue, ganguela e cunhama.² Entretanto, apenas a língua portuguesa foi declarada língua oficial do país.

As línguas do grupo banto podem ser classificadas a partir de zonas geolinguísticas, designadas pelas letras do alfabeto (A, B, C, D, etc.) e por subdivisões a partir de dezenas (A.10; H.16; M.40; etc.), conforme a proposta de Guthrie (1948). Abaixo segue o mapa com as áreas das línguas bantas:

MAPA 2: Área das línguas bantas – Guthrie (1967-1971)

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_bantas

¹ O Ethnologue (2017) lista 41 línguas para Angola, sendo uma delas extinta.

² Em 1979, foi criado o Instituto Nacional de Línguas, que ficou responsável por elaborar *O Histórico sobre a criação dos alfabetos em línguas nacionais*, cujo objetivo era implementar o ensino dessas seis línguas no sistema educacional. Entretanto, tal projeto ainda não se efetivou.

Angola abrange três zonas linguísticas do grupo banto: H, K, e R. O Libolo insere-se na zona H.23 (GUTHERIE, 1948; LEWIS; SIMONS; FENNIG, 2015), em área de transição para a zona R.10 (GUTHERIE, 1948), que é habitada por povos ovimbundo, falantes do umbundo – ver Figueiredo, Jorge & Oliveira (2016: 254). Além disso, o município conflui com zonas de falantes que utilizam outras variantes de quimbundo (kissama e kilala) – ver Figueiredo e Oliveira (2013: 118).

A população do município, composta de 39.639 habitantes (FIGUEIREDO, 2016: 21), é falante de quimbundo e do português. Contudo, ressalta-se que parte da população tem o português como língua não materna (L2), pois, muitos adultos e grande parte dos mais idosos são falantes da variante libolo de quimbundo como língua materna (L1).

Por outro lado, entre a população mais jovem do Libolo atestam-se aqueles que afirmam falar a língua portuguesa e apenas “compreendem” o quimbundo. Assim, corroboramos as palavras de Santos (2015: 50-51) que aponta que:

A expansão territorial do português mostra que, ao contrário dos centros urbanos que já possuem falantes de português como língua materna, portanto, L1, no Libolo há um ambiente em que se percebe a língua portuguesa como L2 da maioria de seus falantes e apenas recentemente um cenário em que temos a língua como L1 entre as crianças e jovens.

(SANTOS, 2015: 50-51)

É possível encontrar, no PLB, características que apontam para casos de “assimilação” de traços do quimbundo no uso do português falado na área. Santos (2015: 51) traz como exemplo um caso em que se atesta o uso do prefixo *ka*, da classe 10 do quimbundo, utilizado em falares do Libolo a fim de marcar as categorias [diminutivo/singular]. Veja a seguir os exemplos do autor³:

- (1) INF: agora mais tarde tá a falar: “não vocês és minha mãe.” Era camoço mesmo é moço (...) [DALLAM5]
(Tradução livre: agora mais tarde está a falar: “você não é minha mãe”. Era mocinho mesmo é moço (...))⁴

³ Santos (2015: 51) dados (01) e (02), renumerados.

⁴ A tradução livre é nossa.

(2) INF: hum ele já é cavelho também não quero mais filhos (...) [DALLAM5]

(Tradução livre: hum, ele já é velhinho também não quero mais filhos (...))

Assim, nos dados em (1) e (2), observa-se que o informante se vale do prefixo **ka** do quimbundo, fixado nos nomes ‘moço’ e ‘velho’ do português para expressar as ideias de “moço bem novo” e de “velhinho”, respectivamente – ver Santos (2015: 51).

Outro caso interessante observado nos dados do PLB está relacionado à estrutura argumental do verbo *nascer*. Observe os dados a seguir:

(3) porque **a mãe é que nasce**, a mãe é que sabe que este, a partir deste momento, este filho aqui pertence ao seu {segredo} [DOLFEH4]

(4) **Fui nascida** dia vinte e sete de junho e noventa e dois. [COMAJO]

Nas línguas bantas o verbo *nascer* é transitivo, diferentemente de PE, em que o mesmo verbo é intransitivo. Logo, em PLB, conforme se observa nos dados acima, atesta-se o uso do verbo *nascer* como transitivo. O mesmo ocorre em outras variedades africanas de português. De acordo com Petter (2009: 2014):

“os empregos do verbo ‘nascer’, significando ‘dar à luz’, nas variedades africanas de português, denotam a convergência de uma conceptualização de línguas bantas refletida na estrutura predicado-argumento do português”.

Este, portanto, não é um fenômeno específico do português do Libolo, e, possivelmente, é um traço presente em outras variedades do português de Angola. A presença de fenômenos como os acima apresentados reforçam a tese da influência de línguas africanas no português em situação de contato.

Figueiredo & Oliveira (2013: 173) advogam que seja possível “[...] reclamar o estatuto nacional de variedade [...]” para o português angolano como um todo devido a várias mudanças que se atestam no PLB, pois, de acordo com Figueiredo, Jorge & Oliveira (2016: 254) – que ratificam Figueiredo & Oliveira (2013) – tais mudanças se assemelham a outras registradas no Português de Angola.

Na subseção a seguir apresentamos algumas considerações acerca de certos aspectos da estrutura gramatical do PLB com fins de melhor auxiliar a análise a ser feita sobre o *tópico*.

1.2. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA MORFOSSINTAXE DO PLB

Ainda está por ser feita uma descrição da estrutura argumental da variedade de português falada no Libolo, já que os estudos nessa área são recentes. No entanto, o trabalho de campo realizado pelos pesquisadores do Projeto Libolo em 2013, bem como o material de fala coletado, e os trabalhos de Figueiredo e Oliveira (2010) e Figueiredo e Oliveira (2016), nos permitem tecer algumas considerações acerca dessa variedade de português, no que tange ao preenchimento do sujeito e ao uso do pronome clítico acusativo de 3a. pessoa – dois aspectos linguísticos significativos para nossa pesquisa sobre o *tópico*. É preciso esclarecer, contudo, que não é nossa pretensão estabelecer uma descrição exaustiva ou apontar conclusões acerca dos aspectos gramaticais mencionados acima, já que isso fugiria ao escopo dessa dissertação. Nosso intuito, como já mencionado, é apenas levantar algumas questões que possam nos auxiliar no entendimento de fenômenos linguísticos relacionados às construções de *tópico*.

1.2.1. Preenchimento do Sujeito Pronominal

No início dos anos 80, postulou-se que a Gramática Universal (GU)⁵ deve ser compreendida como um conjunto de Princípios, regularidades gramaticais universais, e um conjunto Parâmetros, um número limitado de variações linguísticas possíveis. Logo, em termos de conjunto de Parâmetros, pressupõe-se que GU estabeleça que as frases das línguas humanas sejam compostas por sujeitos sintáticos. No entanto, um fato interessante acerca deles é que as línguas dividem-se quanto a: (i) permitirem a omissão desse sujeito na frase, possibilitando *sujeito nulos*; (ii) não permitirem *sujeitos nulos*. Tais grupos de línguas referem-se, respectivamente, a línguas *pro-drop*, como o português, e a línguas não *pro-drop*, como o inglês.

Embora a língua portuguesa seja reconhecida na literatura como uma língua de sujeito nulo, segundo várias pesquisas, a variedade brasileira – PB –, muda radicalmente na segunda metade do século XX no que tange a esse Parâmetro. Entre uma das

⁵ GU refere-se à dotação biológica “Faculdade da Linguagem Humana” ligada à *hipótese inatista* – ver Chomsky (1981). Em linhas gerais, por meio da hipótese inatista, assume-se que uma criança pode analisar os estímulos da língua do ambiente – Língua-E – de forma a construir uma dada competência linguística – Língua-I. Ver Kennedy (2013: 74).

mudanças, dá-se o fato atestado de que, em PB, passa a ocorrer a predominância de sujeitos referenciais foneticamente representados, como se vê em (5):

(5) se **eu** ficasse aqui **eu** ia querer ser a madrinha⁶

Berlinck, Duarte e Oliveira (2015: 105) apontam que:

[...] mesmo nos padrões que favorecem o sujeito nulo em línguas como o espanhol, o italiano e o português europeu, isto é, aqueles em que o sujeito pronominal e seu antecedente têm a mesma função e se encontram no mesmo período ou em sentenças adjacentes, o português brasileiro, culto ou popular, prefere o sujeito expresso.

Veja, a seguir, um exemplo das autoras (op. cit.):

(6) Então se *ele_i* está vendo de uma determinada perspectiva, em que *ele_i* enxerga as patas do outro lado, *ele_i* vai pintar, desenhar, o animal só com duas patas porque é só o que *ele_i* podia ver. (EF SP)⁷

Com relação a estudos sobre o Parâmetro do sujeito nulo em variedades de português faladas em Angola, Santos & Oliveira (2007), em pesquisa centrada em dados de escrita de Luanda – variedade a que os autores se referem como *português de Angola* –, apontam que, no *corpus* analisado, o não preenchimento da posição de sujeito (*sujeito nulo*) é mais recorrente. No entanto, no mesmo estudo, os autores (op. cit.) fazem a ressalva de que, nos dados analisados, apesar da tendência ao apagamento do sujeito, quando se trata da forma pronominal de 1a. pessoa (singular e plural), a frequência de preenchimento do sujeito é maior do que para a 2ª. e 3ª. pessoas.

Em relação ao Parâmetro do sujeito nulo em PLB, não se atesta nenhum estudo específico sobre o tema até então. Entretanto, é possível tecer certas considerações acerca das possibilidades de preenchimento dessa posição em PLB a partir de dados pertinentes ao *corpus* dessa pesquisa. A seguir, apresentamos, em (7) e (8), um conjunto de trechos em que se pode verificar questões pertinentes ao preenchimento do sujeito em PLB. Os sujeitos preenchidos estão em negrito e os fonologicamente nulos são apresentados pelo símbolo [Ø]:

⁶ Kato (2002: 10), dado (28)a, renumerado.

⁷ Berlinck, Duarte e Oliveira (2015: 105); dado (48), renumerado.

(9) (...) faça isso aí calúnia para mim, quando **eu** no fiz nada... com o poder que **eu** tenho... **você** vô... começar interrogare (interrogar) se na verdade **eu** te fiz essa situação... [Ø] sabes sinceramente o que [Ø] vou me acontecer ou se [Ø] te ofendi, se realmente **eu** não te fiz isso... ou se **eu** vê te ver, quer dizer que a minha tradição memo que [Ø] tô a dormir com ele é que vai justificar...

(10) [Ø] Participei na guerra do (ININT)⁸ [Ø] Estive... estive...na...na Vila nova de Almagro e lá [Ø] passei e participei vários combates. E [Ø] fui desmobilizado em... dois mil... é... do... noventa e dois, em Cabinda... [Ø] fui em Cabinda também tive uma confusão... passado... ah... a minha história é longa, [Ø] vi grandes combates que já [Ø] não posso contar... [Ø] lutamos com nações africanas... nações africanas e todos conhecem o {qué} que foi e... (...) (ININT) Há dias de combate...dias mesmo que **a gente** não ia se salvar, mas Deus é grande... [Ø] combatemos, fomos até... Mavinga, com a décima sexta brigada, [Ø] estivemos aí ocupados em uma emboscada que nos passou... dez dez dias na emboscada, não [Ø] tínhamos como sair, até que a décima sexta nos surpreendeu, então... conseguiu nos salvar do cativeiro onde [Ø] estivemos... retiramos, voltamos (...)

Acima, nota-se que o trecho em (9) apresenta um maior número de preenchimento dos sujeitos (de 1a. e 2a. pessoas); diferentemente, em (10), atesta-se o oposto, em que a quase totalidade dos sujeitos (de 1a. pessoa) são fonologicamente nulos, à exceção da expressão pronominal “a gente”.

Nos trechos a seguir, observa-se ainda a presença de sujeitos nulos em PLB:

(11) (...) é isso. Primeiro [Ø] meto o leite, depois [Ø] meto açúcar, [Ø] meto trigo, meto fermento, meto ovo, mais quê? [Ø] Meto ovo, mai... mais o que... o que precisá(r), depois misto [= misturo] com água.

⁸ Sobre as abreviaturas como “(ININT)”, ver a chave de transcrição do Libolo no anexo I

(12) Sim. [Ø] Faz, primeiro, a galinha memo tem que fazer muamba⁹. Primeiro [Ø] mete no óleo, depois de meter do óleo faze muamba, ferve e mete na galinha.

No trecho em (11), a referência do sujeito nulo é [+ definida]; já, no trecho em (12), a referencialidade é [- definida], pois se trata de um sujeito genérico com verbo na terceira pessoa, o que abre a possibilidade de que o traço [referencialidade] pode não afetar o parâmetro do sujeito em PLB.

Neste momento não foi possível fazer uma análise quantitativa do preenchimento da posição de sujeito em PLB. Deixamos esse trabalho para pesquisas futuras que possam corroborar ou não a preferência por sujeitos nulos em PLB, bem como a comparação com a variedade de português brasileiro, cuja preferência é por sujeitos preenchidos, conforme se viu dos dados (5) e (6), e com a variedade europeia (PE), uma língua de sujeito nulo – ver Duarte (1995), entre outros.

Segundo Berlink, Duarte & Oliveira (2015: 126), estruturas com ‘deslocamento à esquerda de sujeito’ são comuns em línguas de sujeito obrigatoriamente preenchido, como o francês e o inglês, de modo que, de acordo com as autoras, em PB, é possível relacionar a frequência de tal construção à tendência de realização morfofonológica do sujeito pronominal.

1.2.2. Clítico acusativo de 3a. pessoa

Figueiredo & Oliveira (2013) realizam um estudo acerca da pronominalização do PLB em cotejo com uma variedade brasileira de português falada no norte do Brasil. Essa variedade vernacular vem sendo denominada de português afro-indígena – ver, entre outros, Oliveira et al (2015).

Para o estudo sobre as construções de *tópico* em PLB, interessa-nos, especificamente, entender o comportamento do clítico acusativo de terceira pessoa. Com relação a este fato linguístico, Figueiredo & Oliveira (2013) atestam a não realização do clítico complemento direto ‘o(s)/a(s)’ em PLB e a regularização categórica do pronome complemento indireto ‘lhe(s)’ como o clítico de 3^a. pessoa em

⁹ Muamba é um “molho confeccionado com a poupa do dendê, a que se junta carne de galinha, para acompanhar o ‘funji’. A muamba pode também levar ginguba (amendoim), sendo designada como ‘muamba de ginguba’” (FIGUEIREDO & OLIVEIRA, 2016: 286)

função de complemento acusativo e dativo (FIGUEIREDO E OLIVEIRA, 2013: 143). A seguir, seguem dois exemplos de “lhe” como objeto direto – Figueiredo & Oliveira (2013)¹⁰:

(13) **lhes** mandam arrebentar os armazéns [JERANH5]

(mandaram-nos arrebentar os armazéns — PE)

(14) eles chegaram aqui, **lhes** levaram até lá nos capim [JOMICH3]

(eles chegaram aqui, levaram-nos até lá ao capim — PE)

Em (13), atesta-se ‘lhe’ na função de objeto indireto – Figueiredo, Jorge & Oliveira (2016)¹¹:

(13) se você tinha 500 kwanza ia **lhe** trazê uma [AGOSOH3]

Figueiredo, Jorge & Oliveira (2016) afirmam que, em relação ao clítico ‘lhe’, em PLB:

[...] nem sempre tais elementos pronominais estão em relação com complementos de itens verbais. É o que acontece, por exemplo, em estruturas que introduzem uma função semântica associada a beneficiários/experienciadores, como se atesta no exemplo apresentado em:

[12] PLB

Todos vão se esconder. O que **lhe** apanhar é que fica.

Figueiredo, Jorge & Oliveira (2016: 255-256)

Figueiredo & Oliveira (2013: 142) ressaltam que, ao analisarem o uso do clítico acusativo de 3a. pessoa em PLB, deram ênfase a dados de fala de informantes escolarizados (docentes), pois deste modo reforçariam o entendimento acerca de particularidades que afastam o PLB do padrão do PE, e com isso concluem que, neste ponto, o registro de fala dos docentes se encontra nivelado com o dos discentes e da sociedade libolense, em geral.

¹⁰ Figueiredo & Oliveira (2013: 143-148); dados (37) e (45), renumerados. Os grifos são nossos. As respectivas versões em PE são dos autores (op. cit.).

¹¹ Figueiredo, Jorge & Oliveira (2016: 255); dado [4], renumerado.

Estudos sobre o PB apontam para a perda do pronome clítico de 3a. pessoa. De acordo com a literatura – ver Duarte (1989) e Cyrino (1993), entre outros –, tal fenômeno tem relação direta com a realização de objetos nulos. Em relação à emergência da categoria vazia na posição de objeto direto em PB, Castilho (2010: 301) afirma que: “Isso certamente tem a ver com mudança sofrida pelos clíticos. Seu desaparecimento da gramática do PB justificaria a preferência pela categoria vazia.”

A literatura aponta, ainda, que a tendência ao objeto nulo favorece a incidência de construções chamadas de *topicalização de objeto*, construção em que o argumento interno de um verbo é movido para a esquerda da sentença deixando vazia a sua posição de origem. Assim, questões ligadas ao (não) uso do clítico acusativo de 3a. pessoa serão retomadas na seção seguinte, em que trataremos da categoria *tópico* em PLB.

1.3. SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste primeiro capítulo, apresentamos alguns aspectos sociais e linguísticos do Libolo. Na subseção (1.1.), introduzimos a região em que a presente pesquisa se centra.

Com a finalidade de melhor auxiliar a análise a ser feita sobre o *tópico*, tecemos, na subseção (1.2.), algumas considerações acerca de aspectos da estrutura gramatical do PLB, no que tange ao Parâmetro do Sujeito Nulo e do clítico acusativos de 3a. pessoa. Tomamos como base para tecer tais considerações, o trabalho de campo realizado em 2013, bem como o material de fala coletado e os trabalhos de Figueiredo e Oliveira (2010) e Figueiredo e Oliveira (2016).

Em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo, apontamos para a possibilidade de a categoria sujeito ser ou não preenchida em PLB. Em relação aos clíticos, Figueiredo & Oliveira (2013:143) atestam a não realização do clítico complemento direto ‘o(s)/a(s)’ em PLB e a regularização categórica do pronome complemento indireto ‘lhe(s)’ como o clítico de 3^a. pessoa em função de complemento acusativo e dativo.

CAPÍTULO II

REFERENCIAL METODOLÓGICO-TEÓRICO

Este capítulo destina-se à apresentação da metodologia empregada para a constituição do *corpus* a ser analisado nesta pesquisa, conforme se verá na subseção (2.1.). Destina-se também à apresentação do referencial teórico, conforme se verá na subseção (2.2.).

2.1. REFERENCIAL METODOLÓGICO

O *corpus* descrito e analisado na presente dissertação foi constituído, em parte, a partir de dados de fala coletados no Libolo em viagens de campo realizadas em 2011 e em 2013. A segunda parte do *corpus* é constituída por dados coletados em 2016. A metodologia utilizada para coleta e organização desses dados será detalhada nas subseções a seguir. Por fim, na subseção (2.1.3.), será apresentada a metodologia utilizada para a delimitação do *Corpus* específico.

2.1.1. Coleta de dados em 2011 e em 2013

Como já apontado, o primeiro conjunto de dados que compõe o *corpus* desta pesquisa resulta das coletas realizadas em 2011, pelo professor Carlos Figueiredo, e em 2013, por um grupo de pesquisadores, do qual a autora dessa dissertação também fez parte. Tanto em 2011 quanto em 2013, as coletas foram realizadas nas quatro comunas do município, Calulo, Munenga, Cabuta e Quissongo. As gravações de 2011 somam um total de aproximadamente 50 horas, e as de 2013, cerca de 250 horas.

Utilizou-se como metodologia para a coleta de dados de língua portuguesa a gravação de entrevistas individuais dirigidas pelos pesquisadores. As entrevistas eram do tipo semiestruturadas – ver Balei et al (2008) –, em que se segue um roteiro básico, mas com perguntas abertas que permitem o prosseguimento da conversa de forma livre, tanto por parte do documentador quanto do informante. Houve ainda, a preocupação em deixar as pessoas “à vontade”, a fim de que a fala fosse a mais natural possível. Vale salientar, contudo, que por questões de logística, não foi possível realizar todas as gravações em locais livres de ruídos e de interrupções. Logo, a maior parte das gravações foi realizada em local aberto, nas Comunas.

Para a constituição do *corpus* da presente pesquisa, relacionados aos anos de 2011 e 2013, foram utilizadas doze entrevistas, sendo duas de 2011 e dez de 2013, somando um total de cerca de 5 horas e 30 minutos de gravação.

Em relação aos informantes, alguns são monolíngues, em português, ou bilíngues, em quimbundo e português. Os informantes são, ainda, de diferentes faixas etárias, de diferentes níveis de escolaridade e de ambos os sexos. Abaixo, apresentamos um quadro com informações referentes aos dados utilizados nesta pesquisa:

Código do Informante	Idade	Sexo	Escolarização	Idioma(s)	Data e Local da Recolha
DOLFEH4	55	M	6a. Classe	Português/ Quimbundo	2011/Quissongo
VACHIH5	67	M	Sem Escolarização	Português/ Quimbundo/ Umbundo	2011/Calulo
COMAJO	21	F	5a. Classe	Português/ Quimbundo	2013/ Munenga
DOKITHX	–	M	Professor	Português/ Quimbundo	2013/ Cabuta
MNBNQ	14	F	–	Português	2013/ Cabeço
BOQUJO1	–	M	–	Português	2013/ Calulo
BOQUJO2	–	M	–	Português	2013/ Calulo
LUCNJO	–	F	–	Português/ Quimbundo	2013/ Cabuta
DIDISH2	–	M	–	Português	2013/ Calulo
GBANEV	16	M	5a. Classe	Português/ Quimbundo	2013/ Cabuta
MIJOMH2	20	M	6a. Classe	Português/ Quimbundo	2013/ Cabuta
TEMALM3	38	F	Ensino Primário	Português/ Quimbundo	2013/ Cabuta

QUADRO 1 – Metadados: informantes de 2011 e 2013

Na subseção a seguir apresenta-se a metodologia adotada para a transcrição e organização dos dados coletados.

2.1.1.1. Transcrição e organização dos dados

O trabalho de organização e transcrição dos áudios de fala de língua portuguesa seguiu a “Chave de Transcrição para o Projeto Libolo”, a qual foi adaptada da “Chave de Transcrição do Projeto Vertentes”¹². A “Chave de Transcrição para o Projeto Libolo” é parte do Manual do Libolo – ver Bandeira, Figueiredo, Freitas, Lopes, Oliveira,

¹²<http://www.vertentes.ufba.br>

Santos & Silva (2014).¹³ Sobre a “Chave de Transcrição para o Projeto Libolo”, ver anexo I.

A organização e transcrição de dados de fala do Libolo foi iniciada por Carlos Figueiredo e alunos da Universidade de Macau, após 2011, e contou ainda com o auxílio de Eduardo Ferreira dos Santos – em período que esteve, em estágio de pesquisa, na Universidade de Macau, antes da viagem de 2013 ao Libolo¹⁴.

Em relação aos áudios coletados em 2013, alguns foram transcritos por membros da equipe do Projeto Libolo e outros foram transcritos por alunos da disciplina de IELP II/2014,¹⁵ sob a assessoria de um grupo de pesquisadores¹⁶, os quais também fizeram o trabalho de “juntar” os trechos de transcrição feitos pelos alunos, e, em alguns casos, preencher possíveis lacunas nas transcrições, e por fim, realizar uma primeira revisão desse material. Essas transcrições, assim como aquelas realizadas exclusivamente por membros da equipe do ‘Projeto Libolo’, passaram por uma revisão final de Carlos Figueiredo.

Cada transcrição recebeu a mesma catalogação do áudio correspondente, a fim de que se pudesse identificá-los e também preservar a identidade dos auxiliares linguísticos. Cada transcrição recebeu, ainda, uma referência bibliográfica em que constam os nomes daqueles que realizaram a transcrição e dos revisores.¹⁷

¹³ Trata-se de um Manual desenvolvido com base nas experiências adquiridas por seus autores a partir do trabalho com dados de fala no Libolo e em outras áreas de trabalho com a fala. Logo, o referido Manual é também resultado de metodologias testadas dentro do Grupo de Estudos de Línguas em Contato – GELIC – e de metodologias discutidas e testadas, especificamente, para o “Projeto Libolo”, durante os anos de 2012 e 2013.

¹⁴ Esta 1ª etapa de transcrição de dados do português do Libolo na Universidade de Macau, serviu de testagem para a organização metodológica do trabalho de campo no Libolo em 2013. Carlos Figueiredo, Márcia Oliveira e Eduardo Ferreira dos Santos foram, portanto, os “pensadores” iniciais acerca de métodos de coleta de campo no Libolo e de transcrição de dados.

¹⁵ É parte da ementa da disciplina de IELP II (Introdução aos Estudos de Língua Portuguesa II) do curso de Letras da USP, a realização de uma transcrição de fala. Ressaltamos que os créditos dos trechos transcritos pelos alunos de IELP II 2014, participantes de uma das turmas da Profa. Márcia Oliveira, foram devidamente concedidos aos alunos, cujos nomes constam na referência bibliográfica – e no “metadados” da transcrição da qual participaram.

¹⁶ A equipe de monitores era composta por Eduardo Santos, Gabriela Santana e Raquel Silva.

¹⁷ Parte do material coletado em 2013 ainda encontra-se em fase de transcrição e revisão, trabalho que vem sendo realizado por pesquisadores que, no momento, desenvolvem pesquisa com dados do português do Libolo. É importante dizer que, o material transcrito é compartilhado entre os membros da equipe do “Projeto Libolo”.

A seguir, apresentaremos o processo metodológico adotado para a coleta e organização dos dados em viagem de campo realizada em 2016, por pesquisadores do Projeto Libolo.

2.1.2. Coleta de dados em 2016

Embora tenha oferecido um primeiro conjunto de dados, fundamentais para um primeiro momento de pesquisa, a metodologia utilizada nos trabalhos de campo de 2011 e de 2013 não foi suficiente ou totalmente adequada para a captação de dados que pudessem oferecer um *corpus* mais “completo” para essa pesquisa, haja vista que o objetivo inicial dessas entrevistas não era a obtenção de dados específicos, mas sim fornecer um conjunto maior de dados para pesquisas linguísticas de diversas áreas, além de se coletar um conjunto maior e representativo de *corpora* de todas as “comunas” do Libolo.

Tendo em vista esse fato, foi necessária uma nova coleta de dados, a ser realizada em uma terceira viagem de campo ao Libolo, em 2016. Desta vez, como o objetivo era captar dados específicos para o estudo sobre construções de *tópico*, recorremos aos métodos de Julgamento de Aceitabilidade e de Elicitação Formal, que consiste na técnica de se “provocar”, em campo, a realização de dados específicos¹⁸. Sobre “elicitación formal”, ver Bower (2010: 353).

Foram elaboradas duas listas de sentenças, cujo objetivo inicial era verificar a ocorrência de dois tipos de construções. A primeira lista de elicitación continha sentenças com um sintagma (NP ou pronome) extraposto à direita, construção chamada na literatura de *antitópico* – o que nos induziu a verificar esse tipo de ocorrência foi o fato de já termos encontrado dois destes casos em dados de 2011 e de 2013 (Ex.: *É, é caminhonista, ele*). A segunda lista de elicitación continha sentenças atestadas em PB de modo geral (embora não produzidas em PE), como “O relógio quebrou o ponteiro” ou “Essa casa bate muito sol”¹⁹, construções chamadas na literatura de *tópico sujeito*. O

¹⁸Na viagem em 2016, devido à impossibilidade de minha ida ao Libolo, os dados específicos de elicitación foram organizados, previamente, por mim e por Márcia Oliveira, orientadora desta pesquisa, a quem agradeço por essa colaboração.

¹⁹Essas construções foram analisadas por Pontes (1987), conforme se verá na subseção (2.2.) sobre o Referencial Teórico.

objetivo foi o de verificarmos a possibilidade deste tipo de construção em PLB ocorrer ou não.

Em campo, solicitou-se, primeiramente, que o(a) auxiliar linguístico dissesse se as sentenças das “listas 1 e 2” eram aceitáveis em sua variedade de português ou não. Contudo, notou-se que a maior parte das sentenças presentes nessas listas causava “estranhamento” ao falante. Deste modo, a pesquisadora (ver nota 8) passou a oferecer um possível contexto para a sentença e solicitar ao auxiliar linguístico que ele(a) proferisse uma construção “equivalente”. Vale ressaltar que, nestes casos, se tomou a precaução de oferecer ao auxiliar linguístico um contexto propício para que determinada sentença fosse dita ao invés de pedir apenas para que ele “traduzisse” a construção. O objetivo era que pudéssemos obter construções o mais próximas possíveis da fala cotidiana do Libolo. Ainda com este intuito, a pesquisadora em campo possibilitou que o auxiliar linguístico oferecesse mais de uma possibilidade, caso houvesse, para cada contexto além de proferir as sentenças que achasse necessárias.

Além dos métodos acima descritos, foram gravados dois áudios. Desta vez, ao invés de entrevistas, optou-se por conversas espontâneas entre dois ou mais auxiliares linguísticos sem interferência da pesquisadora (ou com interferência mínima). Para uma dessas gravações, reuniu-se um grupo de jovens (homens) e foi solicitado a eles que falassem sobre um determinado assunto (o tema escolhido foi times de futebol em Angola e no Libolo). Na segunda gravação, pediu-se a dois auxiliares – um jovem e uma jovem – que simulassem uma conversa/discussão envolvendo aspectos financeiros da vida do casal. Em relação aos testes de Julgamento/Elicitação, os dados foram, em parte, anotados pela pesquisadora em campo e foram, em quase sua totalidade, gravados.

Em 2016, a coleta do *corpus* centrou-se na cidade de Calulo. Essa coleta possibilitou que se “levantasse” um conjunto de 31 sentenças ao *corpus específico* dessa pesquisa.

2.1.3. Delimitação do *Corpus Específico*

O *corpus* específico levantando para esta pesquisa a partir da corpora disponível constitui-se de um total de 56 sentenças, das quais 25 são provenientes das coletas realizadas em 2011 e 2013 – conforme apontado na subseção (2.1.1.); foram utilizadas dez entrevistas de 2013 (aproximadamente 3 horas e 30 minutos de gravação) e duas

entrevistas de 2011 (cerca de 2 horas de gravação). As outras 31 sentenças do *corpus específico* são provenientes da coleta realizada em 2016.

A apreensão dos dados se deu, primeiramente, a partir de uma leitura criteriosa do conteúdo das transcrições. Em seguida, delimitamos sentenças que envolviam a extraposição de constituintes, a fim de se apreender dados com construções de *tópico*. Após uma primeira ‘separação’ dessas construções, empreendemos uma nova leitura em concomitância com a audição atenta dos áudios a fim de verificarmos se, de fato, tratavam-se de construções topicalizadas.

Após essa etapa, cada sentença foi tomada como um dado autônomo. Foram numeradas e ao final de cada uma, entre parênteses, foi colocado o código correspondente à transcrição de onde foram retiradas, seguida da indicação da linha, de modo que seu contexto pudesse ser facilmente localizado:

EXEMPLO

1. Luanda vou porque tenho lá meus dois irmão. [DOKITHX] (L124)

QUADRO 2 – Exemplo 1 de construção do *corpus específico*

Para a apreensão de dados com construções de *tópico* a partir das gravações de conversa espontâneas realizadas em 2016, utilizamos a mesma metodologia utilizada para o material coletado nos anos anteriores. Da mesma forma, esses dados também foram catalogados e receberam um código que identifica o áudio do qual foram transcritos. Os demais receberam a identificação do ano em que foram coletados e o número da sentença correspondente ao arquivo em que foram ‘anotados’ com seus respectivos contextos. Segue um exemplo:

EXEMPLO

2. esse jogo, por mim, considero empate. [MZ23S4]

3. A mota, deixei onde ele foi me buscar [2016S13]

QUADRO 3 – Exemplo 2 de construção do *corpus específico*

A fim de marcarmos, neste trabalho, que o elemento analisado como *tópico* é sempre “periferizado” à esquerda da sentença-comentário e marcado por uma pausa (nem sempre audível sem programa específico), optamos por marcar a pausa entre o *tópico* e o comentário por meio de uma vírgula em todos os dados do PLB apresentados

nesta dissertação. No capítulo 3 (subseção 3.2.3.) realizamos uma análise parcial de aspecto prosódico de duas sentenças utilizando o programa de análise de voz *Praat*. O objetivo dessa análise parcial no *Praat* foi entender melhor um determinado tipo de construção que vem sendo chamado, na literatura, de antitópico.

Por fim, em relação à coleta de dados, vale ressaltar que as autorizações para a realização da pesquisa de campo e coletas de dados nas viagens ao Libolo foram concedidas pelas autoridades locais, dentro dos padrões estruturais de autoridade das sociedades angolanas – ver Figueiredo & Oliveira (2016: 21-22). Importante frisar ainda, que a identidade dos informantes é preservada no trabalho e que o uso do material coletado, tanto em 2011 e 2013 quanto em 2016, destina-se unicamente para fins acadêmicos.

Na subseção a seguir, passaremos ao referencial teórico a partir de uma revisão da literatura sobre construções de tópico.

2.2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta subseção, apresentamos o referencial teórico que “dirigiu” nosso olhar sobre os dados. A revisão da literatura a ser apresentada nas subseções a seguir tem sua atenção voltada para: (i) a categoria *tópico* na teoria sintática – com base na proposta do “CP explodido” de Rizzi (1997) –, por entendermos que o tópico pode ser caracterizado como um tipo de codificação de informação ligada ao sintagma complementizador (CP)²⁰; (ii) o *tópico* numa perspectiva pragmática – com base na *Teoria da Língua em Ato* (L-AcT) que se vê em Moneglia & Raso (2014), entre outros, por entendermos o *tópico* como um sintagma/sentença que está ligado a uma sentença-comentário, sem, contudo, carregar a força ilocucionária do comentário.

É nosso objetivo também, para fins de cotejo, revisitar estudos sobre a tipologia para o *tópico* em português brasileiro – doravante, PB – e em português europeu – doravante, PE –, conforme se vê na subseção (2.2.3).

²⁰ Logo, entendemos o *tópico*, sintaticamente, como elemento que checar traço discursivo na chamada “perifeira esquerda da sentence”. No entanto, não seguimos “à risca” a cartografia linguística porposta por Rizzi (1997), entre outros.

2.2.1. Abordagem sintática de *tópico*

A partir dos anos 80, atestam-se diversos trabalhos que advogam que os sintagmas e as sentenças têm uma estrutura interna bem articulada. Assim, o “Projeto Cartográfico” – que é como ficou conhecido os trabalhos nesta área da teoria sintática – investiga a estrutura hierárquica dos constituintes sintáticos de forma detalhada e sistemática, identificando representações complexas com posições dedicadas a diferentes interpretações.

No “modelo cartográfico”, as sentenças são formadas por uma camada lexical, por uma camada flexional (que corresponde às projeções funcionais decorrentes da implosão de IP) e por uma terceira camada que é a do complementizador (CP).

De acordo com Rizzi (1997), o CP é uma estrutura que agrega uma série de categorias funcionais na periferia esquerda da sentença. Nessa proposta, chamada de “CP explodido”, constituintes discursivos, como o *foco* e o *tópico*, passam a ser acomodados em *locus* específicos da representação. Em Rizzi (2002), (2004), propõe-se que o movimento para a periferia esquerda envolve movimento por substituição para diferentes projeções X' acima de IP, e não adjunção opcional para Sintagma Flexional (IP).

Para Rizzi (1997), a expansão do CP é a camada que estabelece a articulação entre um conteúdo proposicional, expresso por IP, e uma estrutura superordenada ou o próprio universo do discurso. Os constituintes na periferia à esquerda da sentença respondem pelo tipo e forma da sentença, em que o CP se desdobra em uma projeção funcional, *ForceP*, que abriga propriedades que caracterizam o tipo de sentença (declarativa, interrogativa, etc.) – articulação com a face externa –, e em uma projeção *FinP*, que especificará a natureza finita ou não finita da sentença – articulação com a face interna.

Além disso, os constituintes na periferia à esquerda da sentença também respondem pela codificação de informações discursivas como *Tópico* (TopP) e *Foco* (FocP). Este subsistema é, portanto, responsável por codificar informações relacionadas ao comentário e à pressuposição. O *tópico* e o *foco* são tratados como independentes de restrições seletivas e apenas estão presentes na estrutura se requeridos. Quando

presentes, encontram-se “ensanduichados” entre ForceP e FinP. A seguir, apresenta-se a estrutura do CP cindido proposto por Rizzi (1997)²¹:

FIGURA 1 – Estrutura do CP cindido (Rizzi, 1997: 297)

A proposta do CP expandido de Rizzi (1997) aborda, portanto, os “caminhos” que um determinado sintagma percorre para que uma dada leitura seja codificada na sentença. Observe, a seguir, exemplos retirados de Negrão (2017)²²:

- (1) A Helena encontrou o livro de Chomsky na biblioteca.
- (2) O livro de Chomsky, a Helena encontrou na biblioteca.

Nos dados em (1) e (2), de acordo com a autora (op. cit), embora os papéis temáticos atribuídos aos participantes do evento sejam os mesmos nas duas sentenças, a estrutura

²¹ Rizzi (1997:297).

²² Negrão (2017: 78); dados (28) e (29), renumerados; os exemplos são adaptados de Rizzi (2014).

informacional é diferente. Em (2) o movimento do constituinte “O livro de Chomsky” desencadeia a interpretação de que ele seja um *tópico* (uma entidade discursiva) sobre o qual recai o comentário expresso pela sentença. O movimento em (2) é representado a seguir²³:

(3) [_{TopP} [_{DP} o livro de Chomsky]_i [_{Top'} [_{Tpo}⁰ [+ tópico]] [_{IP} [_{VP} [_{DP} a Helena] [_{V'} [_V encontrar] [_{DP} <o livro de Chomsky>_i]]]]]]

Assim, sintaticamente, seguimos a proposta de que sintagmas em *tópico* são elementos que checam uma posição sintática em interface sintático-discursiva, localizando-se no sintagma complementizador da sentença – CP.

2.2.2. A abordagem discursiva de *tópico*

Nesta subseção apresentamos a noção de *tópico* a partir do modelo teórico conhecido por *Teoria da Língua em Ato* (L-Act) – ver, entre outros, Moneglia & Raso (2014). A L-Act é uma extensão da Teoria de Ato de Fala (Austin, 1962) e que se assenta em um largo período de observação empírica e de estudos de *corpora* de fala espontânea, permitindo generalizações progressivas acerca da organização da estrutura da fala:

Resultados teóricos têm sido organizados dentro de uma teoria bem formalizada por Cresti desde 2000 tendo por base dados do italiano. A pesquisa dentro do arcabouço teórico de L-Act tem sido também desenvolvida no português brasileiro, português europeu, espanhol, francês e – recentemente – no inglês americano.

(MONEGLIA & RASO, 2014: 468, traduzido).

A L-Act prevê que a organização da informação interna da enunciação seja regida por princípios pragmáticos e que seja crucialmente mediada pela prosódia. De acordo com Raso, Mello, Jesus & Deus (2007:149):

A teoria se baseia na individualização da correspondência entre unidade de ação, ou seja, o ato de fala (AUSTIN, 1962), e unidade lingüística, o enunciado, através de parâmetros entonacionais. Isso permite a segmentação do discurso em unidades mínimas, os enunciados, cada uma capaz de veicular uma ilocução, ou seja, uma

²³ Negrão (2017: 79); dado (33), renumerado.

unidade do domínio da ação. O enunciado (ato locutório), então, é visto como a contraparte linguística do ato de fala (ato ilocutório), e se define como a unidade mínima interpretável pragmaticamente.

(RASO, MELLO, JESUS & DEUS, 2007: 149)

O enunciado – unidade textual mínima – estabelece uma relação biunívoca com o ato de fala – ilocução. Desse modo, cada encunicação corresponde a somente uma ilocução, ou seja, a uma intenção comunicativa do falante. O enunciado, ainda, pode ser simples, quando é executado em apenas uma unidade tonal, ou complexo, quando é executado em mais de uma unidade tonal, sendo que cada uma das unidades tonais veicula uma unidade informacional.

Dentro da L-AcT, destacam-se três unidades informacionais: o comentário (C), o tópico (T) e o apêndice (AP). Embora estas não sejam as únicas unidades informacionais²⁴, são as mais significativas porque “são aquelas que compõem o texto propriamente dito” (RASO, MELLO, JESUS & DEUS, 2007: 153). O C seria, portanto, a unidade mais importante, pois, é essa unidade que carrega a força ilocucionária, sendo, portanto, suficiente para formar um enunciado. O T, por sua vez, se define como o campo de aplicação da força ilocucionária.

Segue um exemplo de Raso Mello, Jesus & Deus (2007: 150) em que se tem um enunciado complexo em uma estrutura de tópico-comentário²⁵:

(4) João / me ligou ontem//²⁶

Em (4) o enunciado é executado através de duas unidades tonais – marcadas graficamente pela barra simples [/]²⁷ –, sendo uma unidade de tópico e uma de comentário. Nesse exemplo, a força ilocucionária se aplica ao campo constituído por *João*, a unidade de tópico que carrega a força ilocucionária do comentário (que no caso do enunciado acima, é *me ligou ontem*).

²⁴ Sobre outras ‘unidades informacionais’, ver Moneglia & Raso (2014: 490); *table 3*.

²⁵ Raso, Mello, Jesus & Deus (2007: 150) apontam como um possível contexto para essa sentença o seguinte:

A: Você tem notícias do João?

B: João / me ligou ontem.

²⁶ Raso, Mello, Jesus & Deus (2007: 150); dado (2), renumerado.que se constitui n

²⁷ Em Raso et al (2007) os autores apresentam figuras que demonstram a segmentação dos enunciados em unidades tonais graças à percepção das quebras prosódicas terminais e não terminais.

O AP, por sua vez, é uma unidade de integração textual da unidade que a antecede. Observe o seguinte exemplo, renumerado, de Raso, Mello, Jesus & Deus (2007: 150):

(5) JOÃO / me ligou ontem//²⁸

Em (5) há, novamente, duas unidades entonacionais (a caixa alta em JOÃO representa a proeminência entonacional). Entretanto, neste caso, a primeira unidade, *JOÃO*, é a unidade de comentário (C) e a segunda, *me ligou ontem*, é uma unidade de apêndice (AP), que se constitui na integração textual da força ilocucionária carregada pelo comentário. De acordo com Oliveira (2009: 4) o apêndice de comentário:

“(..) Entonacionalmente se configura como uma unidade de sufixo, subordinada ao COM, e não possui foco entonacional, mantendo sempre um perfil nivelado ou descendente identificado por um abaixamento do tom de voz, pela baixa intensidade e pelo fato de esse movimento único corresponder à unidade tonal inteira, sem variação de movimento, independente da estruturação silábica (CRESTI; FIRENZUOLI 2002). Além disso, não é uma unidade autônoma, ou seja, não pode ser interpretável isoladamente.”

Raso, Mello, Jesus & Deus (2007: 150) apontam, ainda, que, além de AP de comentário, também é possível ocorrer AP de tópico, neste caso, a integração textual irá se referir ao tópico.

Para descrever as unidades tonais, Raso, Mello, Jesus & Deus (2007: 154) utilizam três critérios: o primeiro deles é o critério entonacional, (pois cada unidade possui um ou mais perfis dedicados), o segundo é o critério funcional (já que o comentário tem a função de carregar a força ilocucionária; o tópico, a função de estabelecer o campo de aplicação dessa força; o apêndice, a função de integrar textualmente as outras duas unidades). O terceiro critério é o critério distribucional, em que, segundo os autores (op. cit.):

(...) o comentário não possui uma posição fixa, podendo inclusive ser a única unidade do enunciado; o tópico precisa inevitavelmente estar posicionado antes do comentário (...); o apêndice precisa ocupar a posição após a unidade da qual é apêndice, ou seja, o tópico (e então teremos um apêndice de tópico – APT) ou o comentário (e então teremos um apêndice de comentário – APC).

²⁸ Raso Mello, Jesus & Deus (2007: 150); dado (3), renumerado.

Desse modo, de acordo com a L-AcT, em um enunciado de tópico-comentário, o *tópico*, além de exercer a função de estabelecer o campo de aplicação da força ilocucionária do comentário, deve, distribucionalmente, ocupar a posição à esquerda do comentário.

Nas subseções a seguir, falaremos, especificamente, da literatura para o *tópico* em português, nas variedades brasileira e europeia.

2.2.3. Tipologia do Tópico em Português

Nas últimas décadas, a categoria *tópico* foi amplamente descrita e analisada em português brasileiro e europeu. Alguns trabalhos sobre o tema são Pontes (1987), Galves (1998, 2001), Berlink, Duarte & Oliveira (2015), entre outros, – para o PB – e Brito, Duarte e Matos (2003), e Duarte (2013), entre outros, – para o PE.

No Brasil, os estudos sobre o *tópico* começam a partir do trabalho pioneiro de Pontes (1987), em que a autora apresenta uma primeira tipologia do *tópico* para o português brasileiro, tendo o seu trabalho a importância de trazer para a discussão linguística a língua oral, já que, à época, ainda eram poucos os trabalhos voltados para a descrição desse gênero da língua.

Assim, partindo da literatura vigente para o *tópico* em português, e em especial, com base nos trabalhos acima citados, as seções a seguir são dedicadas à tipologia do *tópico* para as variedades brasileira e europeia de português.

2.2.3.1. *Tópico Pendente (ou Anacoluto)*

Chama-se, na literatura, “*tópico pendente*” a um tipo de construção de *tópico* em que a relação entre o constituinte topicalizado e a sentença-comentário é apenas semântica. Pontes (1987) descreve esse tipo de construção como um caso em que ocorre “uma ruptura da sintaxe ‘normal’”, nas palavras da autora, de modo que não é possível identificar um elemento da oração que foi deslocado ou topicalizado, não sendo, portanto, possível explicá-las por qualquer critério sintático, devendo ser entendidas ao nível do discurso. A gramática tradicional, por sua vez, trata esse tipo de construção como um desvio da norma culta.

De acordo com Berlink, Duarte & Oliveira (2015: 121), em uma língua orientada para a sentença, esse tipo de construção costuma ser introduzida por locuções prepositivas como *acerca de...*, *em relação a...*, *por falar em...*, *quanto a...*, *no que se refere a...*; entretanto, uma língua orientada para o discurso não exige esses “introdutores de tópico”. O dado a seguir é um exemplo das autoras (op. cit.) para esse tipo de construção em português brasileiro urbano:

(6) Drama, já basta a vida. (DID SP)²⁹

Esse tipo de construção também é atestado por Duarte (2013), em dados do português europeu, como se vê em (7). Contudo, diferentemente do PB, em PE o tópico pendente é introduzido por uma locução prepositiva:

(7) *Por falar em férias*, alguém conhece um alojamento interessante em Caminha?³⁰

Enquanto, em (6), o tópico pendente *drama* é introduzido sem a locução em PB. No dado (7), em PE, a locução *Por falar em* introduz o tópico *férias*, fato que aponta para uma distinção entre essas duas variedades de português no que tange a esse tipo de construção.

2.2.3.2. Deslocamento à esquerda

No Deslocamento à esquerda, de acordo com a literatura, o constituinte na posição de tópico tem um correferente na sentença-comentário, por isso, não há, efetivamente, um movimento de um sintagma para a posição de *tópico*. Abaixo, seguem alguns exemplos de Berlink, Duarte & Oliveira (2015: 122):

(8) Cada elemento, cada nódulo_i... *ele*_i possui o seu conjunto (EF SSA)³¹

(9) É a categoria conhecimento_i que_i nós vamos separá-la_i (EF POA)³²

²⁹ Berlink, Duarte & Oliveira (2015: 121) dado (90)a, renumerado.

³⁰ Duarte (2013: 409) dados (18)a, renumerado.

³¹ Berlink, Duarte & Oliveira (2015: 122) dado (92)a, renumerado.

³² Berlink, Duarte & Oliveira (2015: 122) dado (92)b, renumerado.

Nos dados acima, o *tópico* está vinculado a um elemento interno da sentença-comentário. Em (8) o correferente é o pronome sujeito *ele* e, em (9), o correferente é um pronome clítico, objeto direto, do verbo da sentença comentário.

Duarte (2013) atesta construções em PE em que a retomada do tópico é feita por um epíteto ou por um pronome pessoal ou demonstrativo³³; a esse tipo de construção a autora (op. cit.) chama de ‘deslocação à esquerda de tópico pendente’, como se vêem em (10) e (11). Já as construções em que o correferente do tópico ocorre através de um pronome clítico, Duarte (2013) chama de “deslocação à esquerda clítica”, conforme se vê em (12):

(10) O João, eu não sei quem possa simpatizar com **esse anormal**³⁴

(11) O João, eu não sei quem possa simpatizar com **ele**

(12) A mim, ninguém **me** contou essa versão da história³⁵

A “deslocação à esquerda clítica” caracteriza-se, segundo Duarte (2013), por: (i) a retomada ser feita, obrigatoriamente, por um clítico; (ii) existir, entre o *tópico* e o clítico, uma identidade referencial e concordância em traços de pessoa, número e gênero; e (iii) o *tópico* ter a mesma a função sintática desempenhada pela sua retomada clítica.

2.2.3.3. Topicalização

No tipo de construção *Topicalização*, o *tópico* é movido de uma posição interna à sentença-comentário para a periferia esquerda. A topicalização pode ocorrer também em contexto de sentenças encaixadas. Vejamos dois exemplos atestados por Berlink, Duarte & Oliveira (2015: 125-127) em PB³⁶:

(13) *A passagem*_i eu compro [___]_i a prazo (D2 RJ)

(14) Porque *o teatro*_i [eu acho que [Ø]_i não está tão]. (DID SP)

³³ Araújo (2009) atesta em seus dados, retomadas com pronome indefinido, quantificador, numeral e categoria vazia na posição de sujeito.

³⁴ Duarte (2013: 410-411), dados (24)a e (27)a, renumerados.

³⁵ Duarte (2013: 412), dado (34)a, renumerado.

³⁶ Berlink, Duarte e Oliveira (2015: 125-127); dados (101c), (107a) e (101d), renumerado.

(15) *Olinda*_i ninguém mora [__]_i. Ninguém diz que é lá que eu moro; não, diz é lá que eu pernoito. (D2 REC)

Em (13) o *tópico* está vinculado à posição de objeto direto do verbo “comprar”. Já em (14), o *tópico* vincula-se ao sujeito da sentença subordinada. Em (15) o elemento movido é regido por preposição, embora ela não apareça na posição de *tópico* (o que não poderia acontecer caso estivesse na sua posição de origem). Um dado como o apresentado em (15), em que um sintagma preposicional (PP) é movido para a posição de *tópico* sem a preposição, é chamado, por alguns autores, de *topicalização selvagem* – ver Araújo (2009) e Berlink, Duarte & Oliveira (2009), entre outros.

Berlink, Duarte & Oliveira (2015: 126) atestam casos em que há o movimento de parte de um sintagma nominal (NP), com uma expressão partitiva na posição de especificador. Nesses casos também ocorre o apagamento da preposição:

(16) *Verdura*_i na parte da Argentina nós não vimos [nada [__]_i] (DID RJ)³⁷

Em PE construções com movimento de constituinte para a posição de *tópico* são atestadas por Duarte (2013):

(17) piscina, não sabia que tinha_. (CRPC, PF 1183)³⁸

Em (17) observa-se o *tópico* *piscina* movido de uma posição interna ao comentário para a periferia esquerda. A autora (op. cit.) atesta também casos em que a preposição é apagada:

(18) Cenas dessas, não precisamos _³⁹

No entanto, Duarte (2013) aponta que, em PE, construções como a apontada em (18), ocorrem apenas na oralidade e só são toleradas quando a preposição suprimida é somente um marcador de caso, não possuindo valor semântico, pois neste caso, seriam indispensáveis para a compreensão da estrutura. Assim, a supressão da preposição *de*, por exemplo, pode ocorrer com verbos como *gostar* e *precisar*, mas não com verbos como *partir* ou *vir*, em que a preposição exprime a origem do movimento:

³⁷ Berlink, Duarte & Oliveira (2015: 126), dado (104)b, renumerado.

³⁸ Duarte (2013: 417), dados (54)a, renumerados.

³⁹ Duarte (2013: 421), dado (76)a, renumerado.

(19) a. Cerveja, só gosto _ quando está muito calor⁴⁰

b. *Paris, só vim _ ontem

Em (19)b percebe-se, portanto, que a construção torna-se agramatical sem a presença da preposição *de*.

2.2.3.4. *Tópico Sujeito*

Tópico Sujeito trata-se de um tipo de construção recorrente na fala dos brasileiros, tanto normatizada quanto não normatizada, mas que não faz parte da gramática do português europeu, sendo, portanto, um dos pontos divergência entre essas duas variedades de português.

Pontes (1987) já aponta em seu trabalho a presença desse tipo de construção em PB e se detém na análise de sentenças como as apresentadas a seguir:⁴¹

(20) Essa casa bate bastante sol.

(21) A Belina deita o banco, sabe?

(22) Esse carro cabe 60l. de gasolina.

(23) A Sabrina tá nascendo dente.

De acordo com Pontes (1987), nas construções como as descritas em (20) a (23), o sujeito (ou que seria o sujeito) aparece sempre posposto ao verbo, enquanto o *tópico* aparece na posição inicial, podendo estabelecer concordância com o verbo. Por essas duas razões, de acordo com a autora, o *tópico* confunde-se com um sujeito. Contudo, embora o *tópico* ocupe a posição de sujeito e possa estabelecer concordância com o verbo, não há relação de agente-paciente, em (23), por exemplo; “Sabrina” não é agente. Nas construções como as analisadas por Pontes (1987), exemplificadas acima, há uma relação genitiva ou locativa entre o elemento pré-verbal e o elemento pós-verbal.

Galves (1998) analisa sentenças semelhantes às analisadas por Pontes (1987), chamadas de *tópico sujeito*, debruçando-se sobre construções como as que se vêem a seguir⁴²:

⁴⁰ Duarte (2013: 422), dados (79)a e b, renumerados.

⁴¹ Pontes (1987:34-35), dados (85), (86), (87) e (90), renumerados.

⁴² Galves (1998: 20), dados (6) e (7), renumerados.

(24) *carpete de madeira não encera.*

(25) *A cueca de dinossauro do Calvin está lavando.*

Em relação a essas construções, a autora (op. cit.) afirma que, em outras línguas românicas, inclusive no português europeu, “essas frases requerem uma marca flexional no verbo legitimando a ausência de projeção do argumento externo do verbo, e consequente alçamento do argumento interno” (GALVES, 1998: 20). No caso do PE, por exemplo, tais construções corresponderiam, respectivamente, à voz média (com o clítico *se*) e à voz passiva. Galves (1998), assim como Pontes (1987), advoga que os NPs que aparecem antes do verbo, em construções como (24) e (25), desempenham função de sujeito na frase. A primeira evidência apresentada por Galves (1998) refere-se à concordância.

Para Berlinck, Duarte e Oliveira (2015: 127), em construções de tópico sujeito, o tópico encontra-se em uma sentença com um sujeito nulo não argumental, conforme o exemplo a seguir:

(26) *O amazonas* [ϕ_{expl}] é impressionante o número de frutas, e frutas assim, tudo duro, tudo tipo cajá-manga. (DID RJ)⁴³

Kato (2015) atribui o surgimento desse tipo de construção em Português Brasileiro (PB) a mudanças que vêm ocorrendo na língua desde o século XIX, entre as quais a perda do sujeito nulo referencial, a perda da inversão livre na ordem da sentença (VXS) e a perda de subida longa do clítico.

2.2.3.5. *Antitópico*

A literatura tem denominado de antitópico construções em que o NP ocupa uma posição não argumental, externa à sentença e simétrica àquela dos tópicos:

(27) [ϕ]_i leva azeite de dendê, o acarajé_i⁴⁴

Berlinck, Duarte & Oliveira (2015: 129) apresentam três propriedades características desse tipo de construção: (i) o NP chamado antitópico mantém uma

⁴³ Berlinck, Duarte & Oliveira (2015: 127), dado (109)a, renumerado.

⁴⁴ Berlinck, Duarte & Oliveira (2009: 162), dados (120)a, renumerados.

relação de predicação secundária sobre o sujeito pronominal, que pode ser nulo ou lexicalizado; (ii) o NP antitópico deve ser sempre definido; e (iii) a estrutura com antitópico é sensível à restrição de monoargumentalidade.

Campos (2014: 170) atesta na variedade que chama de [+marcada]⁴⁵ de português do norte do Brasil, casos que poderiam ser analisados de antitópico: um pronome que retoma outro pronome, com ou sem realização fonética, como se observam em (28) e (29), respectivamente:

(28) **ele** morava no Rio **ele**⁴⁶

(29) tava precisando de dinheiro **eu**⁴⁷

Campos (2014) descarta que casos como os (28) e (29) sejam antitópicos. Uma das razões é que não se tratam de NPs definidos, mas casos de pronomes. Para casos como os em (28), Campos (2014: 170) propõe que haveria uma duplicação de toda a sentença: “ele morava no Rio”, por meio de parataxis, no entanto, na sentença duplicada, todos os elementos, exceto o DP “ele”, teriam sido apagados pela fonologia.

Em PE, Duarte (2013) atesta casos de antitópico (ou *contratópico pronominal*, na terminologia utilizada para o PE) em que o elemento topicalizado pode ser um pronome, desde que o constituinte a que esteja associado seja também um pronome sem realização fonética ou um clítico, conforme os exemplos (30) e (31):

(30) [-] Conhece bem a região de Tomar, ela⁴⁸

(31) Ainda não, **lhes** telefonei esta semana, a eles (dois)

2.3. SÍNTESE DO CAPÍTULO

O presente capítulo foi organizado em duas partes. Na primeira, apresentamos o referencial metodológico utilizado na pesquisa. Foram explicitados os métodos utilizados para a captação de dados durante as três viagens de campo ao Libolo em 2011, 2013 e em 2016. Em relação a esta última viagem, explicitamos, com mais

⁴⁵ Sobre a variedade [+ marcada] do português do norte do Brasil e *continuum* dialetal, ver Campos (2014) e Oliveira, Campos, Cecim, Lopes & Silva (2015).

⁴⁶ Campos (2014: 170), dado (104), renumerado.

⁴⁷ Campos (2014: 170), dado (106), renumerado.

⁴⁸ Duarte (2013: 424), dados (87)a e (87)c, renumerados.

detalhes, os métodos aos quais recorreremos para a captação de dados específicos. Apresentou-se também o tratamento dado ao material (catalogação, transcrição e organização) para que se pudesse chegar à construção do *corpus* específico.

Na segunda parte deste capítulo, dedicamos nossa atenção ao referencial teórico que serve de ‘norte’ para a descrição e análise dos dados de *tópico* do PLB, a serem desenvolvidas no capítulo seguinte. Para uma análise de interface sintático-discursiva, tomamos como pressupostos teóricos a proposta de “CP explodido” e a *Teoria da Língua em Ato*. Por fim, revisitamos alguns trabalhos importantes sobre a tipologia para as construções de *tópico* em português brasileiro e em português europeu.

CAPÍTULO III

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DO PLB

Neste capítulo trataremos especificamente da descrição e análise do *corpus* desta pesquisa, centrado em dados de fala do Libolo. Como já mencionado, os sintagmas em destaque no estudo são os situados em tópico (TOP), logo aqueles que estão distribucionalmente localizados à esquerda do comentário (COM): a unidade informacional mais importante do enunciado por carregar a força ilocucional da sentença⁴⁹. Seguimos, portanto, a Teoria L-Act que afirma que:

De um ponto de vista distribucional, o TOP é altamente restrito e deve estar posicionado à esquerda de COM. A estrutura de informação se desvia da ordem de palavras de uma língua; por exemplo, um TOP ocorre na esquerda de um comentário em uma língua como o japonês, que usa uma construção da direita para a esquerda.

Moneglia & Raso (2014: 482), traduzido.

Nas construções que envolvem a unidade informacional *tópico* – que, distribucionalmente, situa-se na posição esquerda da sentença –, o sintagma em *tópico* pode:

- (i) atestar movimento de constituinte de uma posição interna à sentença (o comentário);
- (ii) não atestar movimento de constituinte de uma posição interna à sentença. Deste modo, nas subseções a seguir, abordamos esses dois tipos de construção ligadas à unidade informacional *tópico*.

⁴⁹ Ver Moneglia & Raso (2014: 473-478).

3.1. A CATEGORIA TÓPICO CONSTRUÍDA A PARTIR DE MOVIMENTO DE ELEMENTO DA SENTENÇA-COMENTÁRIO

Nesta subseção, dedicamo-nos a um primeiro conjunto de dados do PLB em que o elemento na posição de tópico origina-se de um movimento de dentro da sentença-comentário. Utilizamos, portanto, o símbolo [_]_i para evidenciar o *locus* da posição movida; o índice após o símbolo atesta a correferência com o elemento movido.

As construções a serem tratadas diferenciarem-se, no entanto, quanto à função sintática do elemento movido para a “periferia à esquerda”. Por isso, optamos por dividir esta subseção em outras três: na subseção (3.2.1.1.), trataremos das sentenças em que o elemento movido é argumento interno não preposicionado do verbo; na subseção (3.2.1.2.), falaremos sobre os casos em que o constituinte movido é um argumento preposicionado – PP; na subseção (3.2.1.3.), daremos atenção a construções cujo constituinte movido é um PP que não faz parte da estrutura argumental do verbo.

3.1.1. Movimento de argumento interno não preposicionado

No corpus analisado, dos 32 dados envolvendo movimento de constituinte, 21 são sintagmas “argumento interno não preposicionado do verbo”, o que aponta para a recorrência desse tipo de construção envolvendo o *tópico* em PLB. A seguir, apresentamos alguns exemplos:

- (1) Este tubo de creme_i, mandei meter [_]_i onde estão outras coisas (...) [2016S15]
- (2) esse jogo_i, por mim, considero [_]_i empate [MZ23S4]
- (3) O brututu_i,⁵⁰ usamos [_]_i quando tem uma *infecção*... urinária. [DOLFEH4] (L1392)
- (4) Isso_i, aprendi [_]_i mesmo lá. (...) [MIJOMH2] (L214)
- (5) Eh... bolo de Berlim_i, eu faço [_]_i com leite, *óvo*, açúcar (...) [MIJOMH2] (L167)
- (6) (...) porque aqui, português_i, os pais também já falavam [_]_i. [DOKITHX] (L88)
- (7) Bué de charneta com kitoka_i, a minha mãe cozinhou [_]_i ontem. [2016S7]

⁵⁰Borututu (brututu) é uma espécie de árvore existente em Angola, conhecida por ter propriedades medicinais.

(Tradução livre: bastante de erva (charneta) com abóbora, a minha mãe cozinhou ontem)

(8) (...) é um pau que cortam depois daí, o pau_i, entortam [_]_i assim (...) [MNBNQ] (L146)

Nos dados de (1) a (8), o constituinte sublinhado e indexado e que ocupa a posição de *tópico* é movido de uma posição de argumento interno não preposicionado do verbo da sentença-comentário; esse fato é marcado pelo símbolo, seguido do índice, [_]_i.

A recorrência de construções como as atestas em (1) e (8), acima, em PLB nos permite atestar certa similaridade com o PB, pois, assim como em PB, em PLB, o falante parece preferir o objeto nulo. Sobre esse fato em PB, ver gvfhCyrino (1993) e Berlink, Duarte & Oliveira (2015:126), entre outros.

Ainda em relação a esse tipo de estrutura, apresentamos mais um conjunto de dados:

(9) Quizaca_i,⁵¹ primeiro apanha [_]_i na lavra (...) [TEMALM3] (L622)

(10) Quizaca, feijão, peixe_i, também pode comer [_]_i. [TEMALM3] (L618)

(11) Feijão_i, também fer- mete [_]_i na panela e ferve. [TEMALM3] (L658)

(12) tem que metê a água quen... água no fogo, água_i, deixa *frevê* [_]_i (...) [MNBNQ] (L109)

(13) Ginguba_i,⁵² vende [_]_i ... às veze vende [_]_i só memo pra... pra comere... [VACHIH5] (L469)

Nos dados de (9) a (13), chama a nossa atenção a possibilidade de se analisar tais construções como um tipo de construção que vem sendo atestada em PB e que tem sido chamada de “construção absoluta”, conforme se vê em Negrão & Viotti (2010), (2014). De acordo com Negrão & Viotti (2010), as “construções absolutas” caracterizam-se por terem um verbo transitivo, e que não seja de alternância causativa⁵³; no entanto tal verbo transitivo é usado com seu argumento temático em posição pré-

⁵¹ Quizaca é um prato angolano feito com folha de mandioca.

⁵² Ginguba é o mesmo que amendoim.

⁵³ Verbos de alternância causativa são verbos como *fechar*, *abrir*, *quebrar* e *afundar*, que podem ser usados tanto como verbos transitivos, como intransitivos. Observe um exemplo oferecido por Negrão & Viotti (2008: 186): (54) O Ricardo fechou a porta. (55) Ø fechou a porta.

verbal e sem o argumento agente/experienciador, conforme, se vê, aparentemente, nos dados em (9) a (13) em PLB.

Entretanto, há uma outra característica fundamental de “construções absolutas” que deve ser considerada. De acordo com Negrão & Viotti (2010), nas construções absolutas há “impessoalização total”, ou seja, o sujeito não chega a ser “conceitualizado”. Além disso, essas construções não aceitam a presença do clítico *se*, o que geraria uma leitura reflexiva, inadequada, portanto, ao contexto⁵⁴. Abaixo, apresentamos dois exemplos de construções absolutas das autoras (op. cit.)⁵⁵:

(14) Meu jardim destruiu todo com a reforma.

*Meu jardim *se destruiu* todo com a chuva.

(15) A casa do lado da sua alugou ou vendeu?

*A casa do lado da sua *se alugou* ou *se vendeu*?

Nas construções absolutas, como em (14) e (15), nota-se que a contraparte com o clítico *se* gera uma leitura, como já dissemos, reflexiva, diferente daquela expressa com a construção sem o clítico. Assim, além de não haver qualquer traço de agentividade nessas sentenças, elas também não aceitam uma contraparte com o pronome clítico.

Retornando-se aos dados (19) a (23) do PLB, não nos parece que estes exemplos tipifiquem casos de construção absoluta. Nessas construções em PLB, parece possível, sem que haja prejuízo do sentido, a presença do clítico *se*. Além disso, a partir do contexto, é possível se atestar algum tipo de agentividade nos dados apresentados em (9) a (13) do PLB.

A seguir, apresenta-se o contexto dos dados em (9) e (10):

DOC1: E assim, vossas comidas aqui tradicional, o que é que vocês comem?
INF: Nós... nós que come?
DOC1: Hum.
INF: Quizaca, feijão, peixe também pode comer.
DOC1: Hum... e tu sabes fazer <i>quizaca</i> ?
INF: Sei.
DOC1: Como é que se faz isso?
INF: Quizaca primeiro apanha na lavra, depois pisa no pilão.

⁵⁴ Negrão & Viotti (2010), para analisarem as construções que chamam de ‘absolutas’, baseiam-se em critérios sintáticos e semânticos, para isso, buscam subsídios na Gramática Cognitiva de Langacker (1991) e na Gramática Gerativa de Chomsky – Chomsky (1981).

⁵⁵ Negrão & Viotti (2010: 3); dados (7) e (9), renumerados.

Percebe-se, pelo contexto, que há um agente, no dado em (9), para a ação de “comer” – um nós –, e para a ação de “apanhar” – um pronome de referência genérica, “nós/ a gente”, não expesso fonologicamente, no dado em (9).

Abaixo, os contextos para os dados de (11) a (13):

Dado (11)

DOC1: E depois o que... o que é que vocês acompanha mais com funje, aqui?
INF: Com funje, aqui?
DOC1: É...
INF: Carne, peixe.
DOC1: Hum...
INF: Sim.
DOC1: E assim, feijão essas coisas?
INF: Feijão, sim.
DOC1: Como é que faz o feijão?
INF: **Feijão também fer- mete na panela e ferve.**

Dado (12)

DOC 3: e assim, com a fubá pra fazer funji como é que é?
INF 1: **tem metê a água quen... água no fogo, água deixa *frevê*** daí começa a cozinhá, começa a metê fubá na panela, começa a cozinhá daí só virá o funji

Dado (13)

DOC: e vocês com a ginguba o que é que fazem aqui? Seca tamém?
INF: Seca
DOC: Sim. E depois vende? Para fazer o quê a ginguba?
INF: **Ginguba... vende... às veze vende só memo pra... pra comere...**

Logo, advogamos que o conjunto de dados exibidos em (9) a (13) sejam casos de sintagma movido da posição de argumento interno da sentença para a periferia à esquerda. A seguir apresentamos os dados renumerados:

(16) Quizaca_i, primeiro (pro) apanha [_]_i na lavra (...) [TEMALM3] (L622)

(17) Quizaca, feijão, peixe_i, também (pro) pode comer [_]_i. [TEMALM3] (L618)

(18) Feijão_i, também (pro) fer- mete [_]_i na panela e ferve. [TEMALM3] (L658)

(19) tem que metê a água quen... água no fogo, água_i, (pro) deixa [_]_i *frevê* (...) [MNBQ] (L109)

(20) Ginguba_i, (pro) vende [_]_i ... às veze vende só memo pra... pra comere... [VACHIH5] (L469)

Assim, nos dados acima, a inserção do símbolo [_]_i ratifica a nossa proposta de que os elementos *tópico* tenham sido movidos da posição de argumento interno. Um fato a corroborar esta proposta é assumir que, nas construções acima, dá-se casos de sujeito nulo – expressamos tal proposta por meio da inserção do símbolo (*pro*) antes dos verbos.

3.1.2. Movimento de argumento interno preposicionado

No corpus foram atestados apenas dois casos em que o constituinte movido para a posição de *tópico* é um PP que faz parte da estrutura argumental do verbo. Esses dados são exibidos a seguir:

(21) Luanda_i vou [_]_i porque tenho lá meus dois irmão. [DOKITHX] (L124)

(22) Oh, o evento do lançamento do livro do Projeto Libolo_i, gostei [_]_i bastante. [2016S6]

Em (21) *Luanda* é argumento interno preposicionado do verbo “ir”, de natureza locativa – complemento preposicionado⁵⁶ –, que é movido para a periferia à esquerda da sentença para a checagem de tópico sem a preposição. Em (22) *o evento do lançamento do livro do Projeto Libolo* é argumento interno preposicionado do verbo “gostar” – complemento preposicionado –, que, como em (21), é movido de uma posição interna da sentença-comentário com a omissão da preposição.

Os exemplos em (21) e (22) poderiam ser classificados, como se vê na literatura, por *topicalização selvagem* – ver Duarte (2003: 501) –, e por *topicalização não canônica* – ver Duarte (2013: 421). Nesta dissertação, optamos pela não “nomeação” desse fato linguístico, limitando-nos a descrevê-lo.

⁵⁶ Neste trabalho, não fazemos a distinção, no tocante à argumento interno preposicionado, entre complemento oblíquo (ou complemento relativo) e objeto indireto. Tal distinção pode ser vista na literatura, apresentada por gramáticos e linguistas - ver, entre outros, Bechara (2009: 419 - 422); Brito (2003: 391-402). Para detalhes entre complemento relativo e objeto indireto, ver Campos (2010, capítulo 2).

Atestamos ainda casos de movimento de argumento preposicionado de um NP. Em (24), o constituinte “o ritual”, complemento do nome “os dever”, é movido sem a preposição “de”:

(24) (...) o ritual_i, tem que fazer os dever [_]_i, tem uma tradição (...) [BOQUJO2] (L165)

O mesmo caso que se vê em (24), se vê em (25):

(25) Os árbitros_i aqui, alguns [_]_i são incompetentes (...) [MZ23S5]

Em (25) “os árbitros”, dentro da sentença-comentário, tem a função de complemento do NP “alguns” – “alguns dos árbitros” – que tem a função de sujeito na sentença-comentário.

3.1.3. Movimento de constituinte não argumental preposicionado

Nesta subseção, apresentamos *elementos tópico*, movidos de posições não argumentais, contudo, preposicionadas. No entanto, como na subseção anterior, dado o movimento, a preposição é elidida:

(26) Calulu_i⁵⁷ também nós comemo(s) (muamba) [_]_i também [TEMALM3] (L677)

(27) Luanda_i tem três filho [_]_i [VACHIH5] (L42)

Em (26) e (27), os constituintes movidos para a posição de *tópico* são adjuntos preposicionados (PPs) dos verbos das orações, isto é, não fazem parte da estrutura argumental desses verbos. Nas duas sentenças, o adjunto (locativo) é movido sem a preposição. No entanto, atestam-se exemplos de adjuntos preposicionados, movidos para a checagem de *tópico* com a preposição:

(28) Eu, na escola, buco buá [_]_i [2016S4]
(Tradução livre: Eu, na escola, estudo muito)

(29) Na escola, eu buco buá [_]_i [2016S5]

(30) Lá na cozinha, preparou-se o feijão de óleo de palma [_]_i [2016S9]

⁵⁷ Calulo é a Comuna sede do município do Libolo, conforme referimos no capítulo I.

(31) Dentro da comunidade nós aqui apenas temos curandeiros [_]_i (...) [BOQUJO1] (L23)

(32) Eu vendia, de ciúme, me mandaste parar de vender [_]_i. [MZ21S14]

(33) Eu trabalhava, de ciúme, me desempregaste [_]_i. [MZ21S15]

3.2. A CATEGORIA TÓPICO CONSTRUÍDA SEM MOVIMENTO DE ELEMENTO DA SENTENÇA-COMENTÁRIO

Nesta subseção, tratamos de elementos na posição de tópico que não atestam movimento de constituinte de dentro da sentença-comentário. Logo, centramos os sintagmas em *tópico* em termos mais pragmáticos (e menos sintáticos). Os sintagmas em posição de *tópico* são apresentados com a função básica de “providenciar um campo de aplicação para a força ilocucionária – a sentença-comentário” – ver Moneglia & Raso (2014: 482)⁵⁸. Logo, embora os exemplos de *tópico* na subseção (3.2.1.) possam também ser apresentados como unidades discursivas que providenciam um campo de aplicação para o comentário, tais sintagmas em *tópico* têm correferência com uma posição sintática “vazia” dentro da sentença-comentário. Esse fato não se atesta nos exemplos de *tópico* descritos nesta subseção e que têm sido chamados – na linguística atual – de *construções de deslocamento à esquerda* (DE) – rever subseção (2.2.3.2) do capítulo 2.

No entanto, chamamos a atenção para uma certa inadequação do termo DE, ligado a construções de *tópico* a serem tratadas nesta subseção, pois, como mencionado, nesse tipo de construção, não se dá movimento para a esquerda da sentença (como pode ser entendido a partir do termo “deslocamento à esquerda” (DE)). Ao contrário, apesar da literatura apontar *correferência* em casos de DE com dado elemento em posição sintática na sentença-comentário, pode-se perceber que tal correferência é semântica e não sintática. Em outras palavras, a correferência do elemento em *tópico* nos dados desta subseção não se trata de correferência com uma dada posição “vazia” na sentença-comentário, devido ao movimento do sintagma em *tópico*. Trata-se de correferência semântica do elemento em *tópico* com dado elemento explícito e que ocupa uma dada posição sintática no comentário. Assim, os dados com *tópico* em PLB, apresentados a

⁵⁸ Sobre o *tópico* (TOP) na L-AcT, ver Moneglia & Raso (2014: subseção (4.1.1.)).

seguir – em subdivisões – exemplificam tal correferência semântica – os sintagmas em *tópico* estão sublinhados e os sintagmas a que os elementos em *tópico* se ligam semanticamente (na sentença-comentário) encontram-se em negrito.

(i) *Correferência com o sujeito*

(34) Os adeptos do d'Agosto,⁵⁹ **eles** espiritualmente também são *fa*⁶⁰ [MZ23S2]

(35) É por isso que, nesse caso, se o técnico Zeca Amaral, **ele** já sabia que tava com a ciência, com a cabeça quente... [MZ23S6]

(36) Os adeptos de Primeiro de Agosto, não sei o que é que **eles** pensam. [MZ23S1]

No conjunto de dados acima, os elementos na posição de *tópico* têm como correferentes semânticos NPs na posição de sujeito. Tais construções são chamadas na literatura de *deslocamento à esquerda de sujeito*. Em relação a construções como as apresentadas em (34) a (36), no *corpus* analisado do PLB atestaram-se apenas essas três ocorrências, o que pode estar ligado ao fato de o PLB preferir o sujeito foneticamente nulo, conforme apontamos na subseção (3.1.1.).

(ii) *Correferência com o argumento interno*

(37) Este cachimbo, vou te roubar com **ele** [2016S10]

(Tradução livre: este cachimbo, vou roubá-lo/ vou roubar ele)

(38) Você, vou **te** batê [2016S2]

Nos dados acima, os constituintes “Este cachimbo” e “você” estabelecem correferência semântica com os pronomes “ele”, em (37), e “te”, em (38), cuja função é de argumento interno do verbo.

Registrou-se, ainda, a ocorrência de dois casos em que a correferência do *tópico* ocorre com um sintagma ‘nome’ da sentença-comentário, cuja função também é de argumento interno do verbo. Vejamos os dados a seguir:

(39) O hospital, temo um posto médico (...) [COMAJO] (L73)⁶¹

⁵⁹ “Primeiro de Agosto” é um time angolano.

⁶⁰ “fa”: general, que pertence às forças armadas.

(40) Hospital, nós temos aqui postos (...) [LUCNJO] (L69)

Sentenças, como as em (39) e (40), aproximam-se daquelas que vêm sendo analisadas na literatura como ‘anacoluto’ ou ‘tópico pendente’. Em PE, em construções como essas, o tópico costuma ser introduzido por locuções prepositivas (*em relação a...*). Contudo, na variedade brasileira, estudos demonstram a ocorrência dessas construções sem o uso de tais locuções, conforme apresentamos na subseção (2.2.3.1.) do capítulo anterior. Logo, neste quesito, pode-se dizer que há uma proximidade entre o PB e o PLB.

(iii) *Correferência com o adjunto*

(41) Você, vou **te** arrancá os dentes, você [2016S3]

(42) Este porrete, vou te dar com **ele** [2016S11]

(Tradução livre: Este porrete, vou te bater com ele)

(43) Esta televisão, eu vou viajar com **ela** [2016S12]

Em (41) atesta-se um verbo transitivo direto cujo argumento interno é “os dentes”. O clítico “te”, proclítico ao verbo, tem a função sintática de “dativo de posse” – “os dentes de você” – ver Bechara (2009: 424), entre outros. Logo, o elemento “você”, em tópico, correferre-se semanticamente ao dativo de posse “te”. Nos dados em (42) e (43), a correferência semântica dos elementos em tópico: “este porrete” e “esta televisão” dá-se com os elementos pronominais preposicionados “ele” e “ela”, respectivamente (que estão em função de complementos oblíquos dos verbos).

3.3. UM CASO DE APÊNDICE DE COMENTÁRIO

Nesta subseção, dedicamo-nos à descrição e análise de dados do PLB em que um constituinte, sintagma pronominal ou nominal, aparece ao final do comentário como se observam em:

⁶¹Para as construções em (39) e (40), tem-se os seguintes contextos:

(39) Documentador (DOC): Onde é o hospital?

Informante (INF): O hospital, temo um posto médico (...)

(40) DOC: e como são as coisas aqui... hospital, médico, tem alguma coisa?

INF: Hospital, nós temos aqui postos.

(44) É, [Ø] é bom técnico, ele (...) [DIDISH2] (L82)

(45) [Ø] Deve ser crucificado, os indivíduo [MZ22S3]

(46) A Júlia é matemática, ela. [MZ22S9]

(Tradução livre: A Júlia é excelente em matemática, ela)

(47) O Alexandre é enfermeiro, ele. [MZ22S10]

(48) O Carlos é grande mecânico, ele. [MZ22S11]

(49) você, vou te arrancar os dente, você. [MZ22S8]

(50) [Ø] vou te arrabar você, mãe [MZ22S13]

(Tradução livre: vou chamar a sua atenção, mãe⁶²)

(51) Amance, vou te por na TV, você [MZ22S7]

Nas construções como as apresentadas acima, de (44) a (51), observa-se a presença de um elemento que se segue ao comentário, o qual pode ser um nome, como em (45) e (50), ou um pronome, como nos demais dados. Tais construções aproximam-se de que vem sendo chamado na literatura de *antitópico*.

Berlink, Duarte e Oliveira (2015) atestam dados do chamado antitópico na variedade culta de PB. Nos dados das autoras (op. cit.), o elemento ao final do comentário é sempre um nome, o qual estabelece uma relação de predicação secundária com o sujeito pronominal da sentença, que pode ser nulo ou expresso – Berlink, Duarte e Oliveira (2015: 129).

Dados similares também são atestados em outras variedades de PB. Campos (2014: 170), por exemplo, atesta tais construções no português do norte do Brasil. Nos dados do autor (op. cit.), o elemento é um pronome que retoma outro pronome, nulo ou expresso fonologicamente. Conforme apresentamos na subseção (2.2.3.5.), Campos (2014: 170) analisa tais dados como um caso em que haveria uma duplicação de toda a sentença, por meio de *parataxis*, e após tal duplicação dar-se-ia um apagamento de todos os elementos sentencias exceto o sintagma que aparentemente localiza-se à direita

⁶² O contexto em (65) é que o auxiliar linguístico chega em casa e percebe que a mãe não preparou a sua comida predileta. Logo, chama sua atenção (com irritação).

da sentença. Logo, Campos (2014), em sua análise do português afro-indígena, discorda da “análise antitópico” para dados similares aos dados (44)-(51) no PLB, apresentando argumentações contrárias às análises de *antitópico* que poderiam ser aplicadas a essas construções.

Corroborando a análise de Campos (2014) de que sentenças contendo elementos “topicalizados” à direita não podem ser casos de *antitópico*, tomamos como ‘amostra’ as sentenças (46) e (49) e verificamos a estrutura entonacional desses enunciados por meio do Programa *Praat* – Boersma & Weenink (1992) – ver Figuras 2 e 3 abaixo.

Agradecemos a Maria de Lurdes Zanoli por ter feito o recorte das sentenças e ainda uma pré-análise das imagens *Praat* geradas. Contudo, a hipótese final que se vê a seguir, aplicada a essas pré-análises, é de nossa inteira responsabilidade.

Ao analisarmos as imagens que se atestam nas Figuras 2 e 3 a seguir, pudemos observar que há diferentes unidades entonacionais em cada uma das sentenças tomadas como amostra. Nas segmentações prosódicas das sentenças (46) e (49), as barras duplas (//) sinalizam uma quebra prosódica terminal (limite do enunciado), diferentemente da barra simples (/) que sinaliza quebra prosódica não terminal – ver Raso, Mello, Jesus, Deus (2007: 161).

Abaixo, a segmentação prosódica dessas sentenças, apresentadas imediatamente abaixo das Figuras 2 e 3, respectivamente.

FIGURA 2 – Imagem Praat da sentença (46): A Júlia é matemática, ela.

- *Segmentação Prosódica do Enunciado (56)*
(i) A Júlia/ é matemática/ ela//

FIGURA 3 – Imagem Praat da sentença (49): Você, vou te arrancar os dentes, você.

- *Segmentação Prosódica do Enunciado (59)*
(ii) Você/ vou te arrancar os dentes/ você//

Como mencionado, a barra simples (/) sinaliza uma quebra prosódica não terminal. Logo, no exemplo em (49), o elemento à esquerda da unidade informacional COM, “você”, marcado com (/), sinaliza TOP. O elemento “você” após COM – também sinalizado por (/) – trata-se de outra unidade informacional textual, diferente de TOP e de COM. Do mesmo modo, a unidade “ela”, em (46), não é parte da unidade prosódica COM da sentença, mas sim uma unidade informacional à parte; contudo, tanto em (46) quanto em (49), os elementos à direita de COM não podem ser casos de *tópico* – que, distribucionalmente, se atesta na periferia à esquerda da sentença. Deste modo, ratificamos por meio das Figuras 2 e 3 que o abaixamento da frequência (F0) dos sintagmas [ela] e [você] apontam para uma diferente unidade textual de TOP e de COM. Corroborando análise apresentada por Raso, Mello, Jesus & Deus (2007: 155) a essas construções, evidenciamos que esses pronomes em PLB possam ser casos da unidade informacional de Apêndice de Comentário. Além de estarem, distribucionalmente, logo após a unidade da qual são apêndices, no caso o COM, tais elementos são caracterizados por um abaixamento da F0.

3.4. TÓPICO SUJEITO

Nesta subseção, discorreremos acerca de um tipo de construção que vem sendo tratado na literatura como *tópico sujeito*. Caracteriza-se por apresentar um elemento tópico em uma sentença com sujeito nulo não arguemental.

Conforme dito no capítulo 2, subseção (2.1.), sobre metodologia, parte de nosso objetivo de pesquisa foi verificar a ocorrência de construções de tópico sujeito em PLB^a partir de testes de aceitabilidade a serem aplicados em 2016 em trabalho de campo. As sentenças previstas em nosso teste incluíam construções como aquelas analisadas por Pontes (1987), em que há um sujeito (ou que seria o sujeito) posposto ao verbo, e *tópico* em na posição inicial, e uma relação genitiva ou locativa entre tais elementos, como se veem no exemplo a seguir:

(52) O relógio quebrou o ponteiro.

(53) Essa casa bate muito sol.

Entretanto, tais construções causaram ‘estranhamento’ aos auxiliares linguísticos em testes realizados no Libolo em 2016 por Márcia Oliveira. A pesquisadora, ao solicitar aos auxiliares linguísticos que produzissem sentenças equivalentes a (52) e (53) em PLB, a partir de um dado contexto, o que obteve como resposta foram as seguintes sentenças:

(54) a. O meu relógio partiu. [2016S30]

b. O meu relógio estragou. [2016S31]

c. O meu relógio avariou. [2016S32]

(55) Porras, essa merda do pneu furou de novo! [2016S33]

(56) Oh! Tás linda! - O cabelo cresceu! [2016S35]

(57) O feijão cresceu onde Lusinela não esperava [2016S39]

Nas contruções acima, fornecidas à pesquisadora como possíveis correlatos em PLB das sentenças (52), (53) em PLB, observam-se casos de sentenças inacusativas com alçamento do argumento interno. Em sentenças com verbos incusativos, que só projetam um argumetno interno, como nas sentenças acima, o único argumento do

verbo pode permanecer *in situ*, ou ser movido para a posição de sujeito. Abaixo, em (58), apresentamos a estrutura da sentença (54b) ⁶³:

(58)

Assim, nos dados em (54) a (57), o que podemos inferir a partir da análise dos dados coletados por Marcia Oliveira no Libolo, é que não foram atestadas ocorrências das chamadas construções de tópico sujeito, à luz daquelas atestadas por Pontes (1987), em PLB. Os dados apresentados de (54) a (57) não se encaixam na definição da autora (op. cit.), pois não há um elemento, que seria o sujeito, em posição pós verbal com o qual o elemento *tópico* poderia estabelecer relação genitiva (*O relógio quebrou o ponteiro*) ou locativa (*Essa casa bate muito sol*). O que atestaram-se foram construções inacusativas com alçamento do argumento interno.

Entretanto, seria uma falha de nossa parte afirmar, neste momento da pesquisa, que as chamadas estruturas de *tópico sujeito* não são possíveis na variedade de português falada no Libolo, haja vista que os estudos sobre essa variedade encontram-se ainda em fase inicial de investigação. Logo, é necessário maiores investigações nesse tipo de construção.

⁶³ Estrutura baseada em Berlink, Duarte e Oliveira (2015: 140)

3.5. CP EXPLODIDO DE RIZZI (1997)

Nesta subseção, apresentamos a análise de alguns dos dados de tópico em PLB, com base na proposta de CP explodido de Rizzi (1997). Conforme já apontamos na subseção 2.2.1., de acordo com Rizzi (1997), a expansão do CP estabelece a articulação entre um conteúdo proposicional, expresso por IP, e o universo do discurso. Assim, os constituintes na periferia à esquerda da sentença respondem pela codificação de informações discursivas como *Tópico* (TopP) e *Foco* (FocP). Esses elementos, quando presentes, encontram-se “ensanduichados” entre ForceP e FinP.

A seguir dois dados renumerados:

(59) O brututu, usamos quando tem uma *infecção*...

(60) Oh, o evento do lançamento do livro do Projeto Libolo, gostei bastante.

Os elementos em tópico em (59) e (60), seguindo a proposta do CP expandido de Rizzi (1997), encontram-se em TopP na periferia esquerda da sentença a fim de checarem posições discursivas:

(61) [_{TopP} [DP o brututu]_i [_{Top'} [_{Topo}⁰ [+ tópico]] [_{IP} [_{VP} [_{DP} (1a. pl.)] [_{V'} [_V usamos [_{DP} <o brututu>_i]]]]]]

(62) [_{TopP} [PP o evento do lançamento do livro do Projeto Libolo]_i [_{Top'} [_{Topo}⁰ [+ tópico]] [_{IP} [_{VP} [_{DP} (1a. sing.)] [_{V'} [_V gostei [_{PP} <do evento do lançamento do livro do Projeto Libolo >_i]]]]]]

Em (61) o movimento do constituinte “O brututu” desencadeia a interpretação de que ele seja um *tópico* sobre o qual recai o comentário expresso pela sentença. O mesmo ocorre (62), com o constituinte “o evento do lançamento do livro do Projeto Libolo”.

3.6. SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo 3, tratamos de descrever e analisar o *corpus* desta pesquisa, centrado em dados de fala do Libolo, em uma perspectiva sintático-discursiva. A subseção (3.1.) é dedicada à categoria tópico construída a partir de movimento de um elemento da sentença-comentário. Na subseção (3.2.) tratamos da categoria tópico construída sem movimento de constituinte da sentença-comentário.

Na subseção (3.3.), apresentamos possíveis casos de unidade informacional Apêndice de Comentário, com base na *Teoria da Língua em Ato* (L-Act) que se vê em Moneglia & Raso (2014) e Raso, Mello, Jesus & Deus (2007). Na subseção (3.4.) dedicamo-nos a apontar que, nos dados que compõem o *corpus* desta pesquisa, não foram atestados casos de tópico sujeito à luz daqueles analisados por Pontes (1987). Por fim, na subseção (3.5.), apresentamos a análise de dois dados de tópico em PLB, de acordo com a proposta de CP explodido de Rizzi (1997).

CAPÍTULO IV

CONCLUSÃO

Nesta dissertação, tratamos de descrever e analisar, ainda que de modo inicial, o *tópico* em PLB, via interface sintaxe-discurso. Sintaticamente, de acordo com a Teoria de Princípios e Parâmetros, o *tópico* é analisado como um elemento que checa traços na periferia à esquerda da sentença, no Sintagma Complementizador (CP). Pragmaticamente, construções de *tópico* podem ser caracterizadas por um sintagma/sentença ligado a uma sentença-comentário, sem, contudo, carregar a força ilocucionária do comentário. Ainda, de acordo com a Teoria L-Act, a unidade informacional *tópico*, distribucionalmente, situa-se na posição esquerda da sentença.

Ao analisarmos o *corpus* do PLB, primeiramente, na subseção (3.1.), nos atemos ao *tópico* em uma interpretação mais sintática, haja vista que, nessa subseção tratamos de um tipo de construção que envolve movimento de constituinte, ou seja, o elemento na posição de *tópico* origina-se de um movimento de dentro da sentença-comentário. Em relação a esse tipo de construção, atestamos dados em que o elemento movido: (i) é argumento interno não preposicionado do verbo; (ii) é um argumento interno preposicionado; (iii) é um PP que não é parte da estrutura argumental do verbo.

Em relação aos casos em que há movimento de argumento interno não preposicionado, observamos que houve significativa recorrência deste tipo de construção nos dados analisados em PLB. Sentenças de *tópico* em que o elemento movido é argumento interno não preposicionado do verbo são chamadas na literatura de *topicalização de objeto*.

Nesse sentido, é possível apontar relativa similaridade entre o PB e o PLB, pois pesquisadores têm apontado para a não existência do clítico acusativo (o/a) na gramática do PLB (como em PB). No entanto, diferentemente das análises que se observam na literatura sobre o PB, quanto ao pronome acusativo de 3^a., pesquisas atuais sobre o PLB – como a de Figueiredo, Jorge & Oliveira (2016) – vêm afirmando, que a forma ‘lhe’ seja o único pronome clítico de 3^a. pessoa em PLB e que o clítico ‘lhe’ não “atualiza” checagem de caso acusativo e/ou dativo propriamente. O clítico ‘lhe’ em PLB, para os autores (op cit.), checa outro traço *phi* – [Número] (e não [gênero]), como é um dos traços atestado nos clíticos o/a em outras variedades de português). Logo, para

Figueiredo, Jorge & Oliveira (2016), não se trata de dizer, para o PLB, que a forma ‘lhe’ tenha sido *recategorizada* – como o que se vê em muitos trabalhos para o PB.

Para os casos em PLB em que um constituinte movido é um argumento preposicionado do verbo, atestamos apenas dois exemplos. Assim, o argumento interno preposicionado do verbo é movido para a periferia à esquerda sem a preposição. Além dos casos em que um constituinte movido é argumento preposicionado do verbo, atestamos dois casos em que há movimento de argumento preposicionado de um NP, movido, também, sem a preposição.

Ainda em relação aos dados que apresentam movimento de um constituinte para a checagem de tópico na periferia à esquerda da sentença, atestamos casos em que o elemento movido para a posição de *tópico* é um PP adjunto, que pode ser movido com ou sem a preposição.

Na segunda parte de descrição e análise do *corpus* do PLB, na subseção (3.2.), o *tópico* foi apreendido via interface pragmática, haja vista não se poder atestar movimento de constituinte de dentro da sentença-comentário para a posição de *tópico*. Dessa forma, não pudemos proceder, nesta pesquisa, a uma descrição/análise do *tópico sem movimento de constituinte* voltada para uma análise sintática. Embora não se ateste movimento, tais construções têm sido chamadas, na literatura atual, de *construções de deslocamento à esquerda* (DE). A literatura aponta ainda para a existência de *correferência*, em casos de DE, entre o *tópico* e um dado elemento em posição sintática na sentença-comentário. Contudo, assumimos que tal correferência é semântica e não sintática, ou seja, trata-se de correferência semântica do elemento em *tópico* com um dado elemento que ocupa uma posição sintática no comentário.

Assim, em dados do PLB, atestamos casos em que o elemento interno à sentença-comentário, ao qual o *tópico* está semanticamente relacionado, possui a função de sujeito. Tais construções são chamadas na literatura de *deslocamento à esquerda de sujeito*. Em relação a esse tipo de construção, no *corpus* analisado do PLB, atestaram-se apenas três casos. Além da correferência com o sujeito, foram atestados casos em que há correferência semântica do elemento em *tópico* com um sintagma que desempenha função de argumento interno do verbo ou com um sintagma cuja função é de adjunto.

A análise dos dados do PLB incluiu ainda um conjunto de dados que vem sendo analisado, na linguística atual, como construções de *antitópico*. No entanto, assumimos que sentenças contendo elementos que aparecem logo após o comentário não podem ser

casos de *antitópico*. Com base na *Teoria da Língua em Ato* (L-AcT), apontamos que, em tais dados, o constituinte “à direta da sentença”, pode ser analisado como unidade informacional Apêndice de Comentário (AP).

A fim de evidenciarmos que o elemento “à direta da sentença” pode ser analisado como unidade informacional AP, tomamos como ‘amostra’ duas sentenças do *corpus* – ver subseção (3.3.) – e verificamos a estrutura entonacional desses enunciados através do Programa *Praat*. Por meio da análise das duas imagens geradas, pudemos observar um abaixamento da F0 dos elementos “ao final do comentário”. Advogamos que tais elementos não são parte das unidades prosódicas do comentário das sentenças analisadas, mas sim uma unidade informacional à parte. Entretanto, esses elementos “ao final do comentário” não podem ser casos de *tópico*, pois o *tópico*, distribucionalmente, se atesta na periferia à esquerda da sentença. Deste modo, evidenciamos que os elementos “à direta da sentença”, no conjunto de dados apresentados, ratificam nossa análise de poder abordá-los como sendo um caso da unidade informacional AP, que, de acordo com a literatura, é caracterizada por apresentar um abaixamento da curva entonacional e por aparecer em posição imediatamente após o comentário, no caso de AP de comentário, como se atestam nos exemplos do PLB.

Por fim, em relação às construções chamadas de *tópico sujeito*, apontamos que não foi possível atestar construções desse tipo no *corpus* analisado nesta pesquisa. Conforme explicitamos na subseção (3.4.), foram realizados testes de aceitabilidade para se verificar a ocorrência de construções de *tópico sujeito* em PLB. As sentenças previstas em nosso teste incluíam construções como as que são analisadas por Pontes (1987) (“*O relógio quebrou o ponteiro*” e “*Essa casa bate muito sol*”). No entanto, em campo, ao solicitarmos aos auxiliares linguísticos a produção de tais sentenças equivalentes em PLB – considerando um determinado contexto –, obtivemos como resposta ao teste de elicitación formal sentenças inacusativas com alçamento do argumento interno, conforme apontamos na subseção (3.4.).

Concluimos que o estudo aqui apresentado não esgota, evidentemente, as possibilidades de análise acerca da categoria *tópico* em PLB. Contudo, pensamos ter contribuído, com este trabalho, para os estudos relacionados à categoria *tópico* e para a ampliação do entendimento acerca de uma variedade de português falado na África.

Este estudo centrou-se em investigar uma variedade de português que tem como substrato o quimbundo, uma língua africana do grupo banto. Pensamos, assim, ter

cooperado também com a expansão do conhecimento de variedades do português em contato direto com uma língua banta. Destacamos, portanto, a importância de se ampliar o entendimento acerca desta variedade de português, cujos estudos encontram-se em fase inicial de investigação. Logo, aspectos da estrutura da sentença, como os que apresentamos em brevíssima análise no capítulo 3, precisam ser ampliados e desenvolvidos com especificidade.

FIGURA 4 – Rio Kwanza (Libolo/ Angola)

Foto: Espólio do “Projeto Libolo” (captada em 11/ 07/ 2013)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Nélia; HAGEMEIJER, Tjerk. Pronomes resumptivos e abandono de preposição nos crioulos atlânticos de base portuguesa. **Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, p. 17-30, 2001.

ANGENOT, J.; MFUWA, N.; RIBEIRO, M. A. As classes nominais do kibala-ngya, um falar bantu de Angola não documentado, na intersecção dos grupos kimbundu [H20] e umbundo [R10]. **Papia**, n. 21(2), p. 253-266, 2011.

ARAÚJO, E. **As construções de tópico do português nos séculos XVIII e XIX: uma abordagem sintático-discursiva**. 2006. Tese de doutorado – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

_____. Evidências da reanálise da posição de tópico no português europeu. In: Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 2008, Porto Alegre. **Anais do CELSUL**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

_____. 2009. As construções de tópico. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A. & RIBEIRO, I. **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 231-250.

_____. 2012. Contato linguístico: uma análise comparativa de construções de tópico nulo na escrita e na oralidade. **Papia**, n. 22(1), p. 111-128, 2012.

ARAÚJO, P. J. P. **O português e o quimbundo [H20], Kuanza Sul, Angola – Avaliando modelos teóricos de línguas em contato**. Projeto de pesquisa de pós doutorado. São Paulo: FFLCH-USP/ FAPESP. Manuscrito, 2013.

_____. Algumas considerações sobre línguas africanas e políticas linguísticas em Angola. **Revista Sociodialeto**, v. 5, p. 161-117, 2014.

AVELAR, J.; GALVES, C. 2011. Tópico e concordância em português brasileiro e europeu. In: XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, 2011, Lisboa. APL, p. 49-65.

BALEI, R. A. et al. O uso da entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação**, Fae/PPGE/UFPel, Pelotas, n. 30, p. 187, 2008.

BANDEIRA, M.; FIGUEIREDO, C. G.; FREITAS, S.; LOPES, F. J.; OLIVEIRA, M. S. D.; SANTOS, E. F. & SILVA, R. A. **“Projeto Libolo” – organização e metodologia para transcrições dos dados**. Manuscrito. 2014.

BECHARA. A oração: funções oracionais. In: _____. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 406 - 460, 2009.

BERLINK, R.; DUARTE, M. E. L. & OLIVEIRA, M. 2015. Predicação. In: KATO, M. & NASCIMENTO, M. do (orgs.). **Gramática do Português culto falado no Brasil: A construção da Sentença**. São Paulo: Contexto, p. 81-149, 2015.

BOERSMA, P.; D. WEENINK. **Praat: doing phonetics by computer**. 2012. Disponível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>. Acesso em: novembro de 2016.

BONVINI, E. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: José L. F. & Margarida P. (orgs.). **África no Brasil – a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Ed. Contexto, p. 101-188, 2008.

BOWERN, C. Fieldwork in contact situations. In: HICKEY, R. (org.) **The Handbook of Language Contact**. Oxford: Blackwell-Publishing, p. 340-357, 2010.

BRITO, A. M. Categorias Sintacticas. In: MATEUS, M. et al. **Gramática da Língua Portuguesa** (orgs.). 5 ed. Lisboa: Caminho, p. 323- 432, 2003.

BRITO, A. M.; DUARTE, I.; MATOS, G. Frases com tópicos marcados. In: MATEUS, M. et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. 5 ed. Lisboa: Caminho, p. 489-502, 2003

CAMPOS, E. A.; SANTOS, E. F. dos. A Categoria Tópico: aproximação entre o Português do Brasil e o Português de Angola. **Papia**, n. 23(1), p. 129-140, 2012.

CAMPOS, E. A. **O dativo de terceira pessoa no português falado em Belém**. 2010. Dissertação de mestrado – FFLCH/USP, São Paulo, 2010.

_____. **A sintaxe pronominal na variedade afro-indígena de Jurussaca: uma contribuição para o quadro da pronominalização do português falado no Brasil**. 2014. Tese de Doutorado – FFLCH/USP, São Paulo, 2014.

CAVALCANTE, S. R. de O.; GALVES, C. M. C.; PAIXÃO de SOUSA, M. C. Topics, Subjects and Grammatical Change: from Classical to Modern European Portuguese. **LaborHistórico**, v.1, p. 97-107, 2015.

CHOMSKY, N. Principles and parameters in the theory of grammar. **Explanation in linguistics**, ed. N. Hornstein & DW Lightfoot. Longman.[NH], 1981.

_____. Minimalist inquiries: the framework. In: MARTIN, R. et al. (eds.). **Step-by-step. Essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik**. Cambridge, MA: The MIT Press, p. 89-155, 2000.

_____. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (Ed) **Ken Hale: A life in language**. Cambridge, MA: The MIT Press, , p. 1-52, 2001.

_____. **On phases**. Cambridge, MA: The MIT Press. 2005. Disponível em: <http://www.foossil.in/Chomsky_Phases.pdf>. Acesso em: 12 de abril de 2014.

_____. **On phases**. In FREIDIN, R. et al. (eds.). **Foundational issues in linguistic theory: essays in honor of Jean-Roger Vergnaud**. Cambridge, MA: The MIT Press, p. 133-166, 2008.

CYRINO, S. M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, p.163-184, 1993.

DUARTE, M. I. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F. (org.). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Editora da UNICAMP, pp. 19-34,1989.

_____. **A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições de movimento.** 1987. Tese de Doutorado – Universidade de Lisboa, Lisboa, 1987.

_____. **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro.** 1995. Tese de Doutorado – UNICAMP, Campinas, 1995.

_____. Construções de topicalização. In: RAPOSO, E. B. P. et al. (orgs.). **Gramática do Português.** Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, vol. 1, p. 401-426, 2013.

FIGUEIREDO, C. F. G. & OLIVEIRA, M. S. D. de. Português do Libolo, Angola, e português afro-indígena de Jurussaca, Brasil: cotejando os sistemas de pronominalização. **Papia**, n. 23(2), p. 105-185, 2013.

FIGUEIREDO, C. F. G. & SANTOS, E. F. Construções [Foc+Que] no português do Município do Libolo, Angola. **Filologia e Língua Portuguesa**, v. 16, n. 1, p. 209-231, 2014.

FIGUEIREDO, C. F. G. & OLIVEIRA, M. S. D. de. (orgs.). **Linguística, história, antropologia e ensino no Kwanza Sul, Angola. “Projeto Libolo” - Município do Libolo, Kwanza-Sul, Angola: aspectos linguísticos-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários.** Lisboa: Chiado Ed., vol. 1, 2015.

FIGUEIREDO, C. F. G. & OLIVEIRA, M. S. D. de. (orgs.). **Retratos do Libolo. “Projeto Libolo” - Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola: aspectos linguísticos-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários.** Lisboa: Chiado Ed., vol. 2, 2015.

FIGUEIREDO, C. F. G.; JORGE, L. T. L.; OLIVEIRA, M. S. D. Clítico argumental “lhe” no português do Libolo: estrutura formal e Caso (abstrato). In FIGUEIREDO, C. F. G.; OLIVEIRA, M. S. D. (Orgs.). **Linguística, história, antropologia e ensino no Kwanza Sul, Angola. “Projeto Libolo” - Município do Libolo, Kwanza-Sul, Angola: aspectos linguísticos-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários.** Lisboa: Chiado, vol. 1, p. 259-272, 2016.

GALVES, C. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. **Caderno de Estudos linguísticos**, Campinas, v. 34, p. 19-31, 1998.

_____. **Ensaio sobre as gramáticas do português.** Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

HERNANDEZ, L. L. **A África na Sala de Aula: visita à história contemporânea.** São Paulo: Selo Negro, 2008.

HICKEY, R. **The Handbook of Language Contact.** Edited by Raymond Hickey. 2010 ISBN: 978-1-405-17580-7

HOLM, J.; INVERNO, L. The vernacular Portuguese of Angola and Brazil: partial restructuring of the noun phrase. In: Encontro Anual da Associação: Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola. **Comunicação.** Université d'Orléans, 2005.

INVERNO, L. 2005. **Angola's Transition to Vernacular Portuguese**. Dissertação de mestrado – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005.

_____. A transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfossintático do sintagma nominal. In: CARVALHO, A. (ed). **Português em contacto**. Madrid, Frankfurt: Iberoamericana/Editorial Vervuert, 2009.

KATO, M. A. Sujeito e tópico: duas categorias em sintaxe?. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v 17, 1989.

_____. Comparando o Português da América com o Português de Portugal e com outras línguas. **Museu da Língua Portuguesa**. 2006. Disponível em: < http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php. Acesso em: 12 de abril de 2014.

_____. Expletivos nulos e construções de tópico/sujeito no português brasileiro. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, p. 7-21, Jan/Jun de 2015.

KENNEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

LEWIS, M. P.; SIMONS, G. F.; FENNIG, C. D. (eds.). **Ethnologue: Languages of the world**, 18th ed. Dallas, Texas: SIL International. 2015. Disponível em: <http://www.ethnologue.com>. Consultado em: 07 de junho de 2015.

LI, C.; THOMPSON, S. Subject and Topic: A new typology of language. In: LI, C. **Subject and Topic**. New York: Academic Press, p. 458-489, 1976.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. **Transcrição. "Projeto Vertente do Português Rural do Estado da Bahia."** 2005. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/projeto/transcricao>. Acesso em: setembro de 2013.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, D.; MELLO, C. Alternância dativa. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A. & RIBEIRO, I. **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 427-453.

MELO, E. A. S. **Construções de Tópico Sujeito: um caso de mudança de expressão da posse externa do PB**. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MONEGLIA, M.; RASO, T. Notes on Language into Act Theory (L-Act). In: RASO, T.; MELLO, H. (eds). **Spoken Corpora and Linguistic Studies**, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 468-497, 2014.

NEGRÃO, E. V. & VIOTTI, E. Estrutura Sintática das Sentenças Absolutas no Português Brasileiro. **Linguística**, vol. 23, 2010.

_____. Contato entre Quimbundo e Português Clássico: impactos na gramática de impessoalização do português brasileiro e angolano. **Linguística**, vol. 30 (2), 289-330, 2014.

OLIVEIRA, C. J. F. Apêndice de Comentário e Comentários Ligados: uma distinção à luz da Teoria da Língua em Ato. *e-hum*, vol. 2 (1), 2009.

OLIVEIRA, M. S. D. de. **Análise sintática do português falado no Brasil**. Rio de Janeiro: Multifoco, vol. 1, 2010.

OLIVEIRA, M. S. D. de; CAMPOS, E. A.; CECIM, J. F.; LOPES, F. J.; SILVA, R. A. O conceito de Português Afro-Indígena e a comunidade de Jurussaca. In: AVELAR, J. & ÁLVAREZ-LÓPEZ, L. **Dinâmicas Afro-Latinas: Língua(s) e História(s)**. Frankfurt am Main: Peter Lang Edition, vol. 1, p. 149-178, 2015.

PETTER, M. M. T. Aspectos morfossintáticos comuns ao português angolano, brasileiro e moçambicano. **Papia** n. 19, p. 201-220, 2009.

PONTES, Eunice. S. L. **O tópico no português do Brasil**. Campinas: Pontes, 1987.

QUAREZEMIN, S. **A focalização do sujeito no português brasileiro**. 2005. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2005.

RAPOSO, E. **Towards a unification of topic constructions**. UCSB, manuscrito, 1996.

RASO T.; MELLO H.; JESUS A. U. & DEUS L. A. Uma aplicação da teoria da língua em ato ao português do Brasil. **Revista de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, vol. 15, n. 2, p. 147-166, jul./dez. 2007.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: *Elements of grammar*. Springer Netherlands, p. 281-337, 1997..

_____. Locality and left periphery. 2002. **Disponível em: home.uni-leipzig.de/mueller/rizzi.doc**. Acesso em: Julho de 2015.

_____. **On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects**. 2004. Disponível em: http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/Rizzi . Acesso em: Julho de 2015.

ROCHA, M. A. F.; LOPES, R. E. V. 2015. Adjunção. In: KATO, M.; NASCIMENTO, M. do (orgs.). **Gramática do Português culto falado no Brasil: A construção da Sentença**. São Paulo: Contexto, p. 151-186, 2015.

SANTOS, E. F. dos. **A periferia esquerda da sentença no português de Angola**. 2010. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

_____. A categoria tópico no português de Angola. **Linha d'água**, n. 24, p. 116 - 126, 2011.

_____. **Sentenças marcadas para o Foco no Português do Libolo: uma proposta de análise derivacional**. 2015. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, E. F. dos; OLIVEIRA, M. S. D. de. Pronomes nulos na posição de sujeito no português de angola – um estudo preliminar. **Filologia e Língua Portuguesa**, n. 9, p. 85-101, 2007.

VASCO, S. L. **Construções de tópico na fala popular**. 2006. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

APÊNDICE I

Amostra do *corpus* específico

SILVA, Raquel Azevedo da. 2015. *Corpus da pesquisa de mestrado – FFLCH/USP: As construções de tópico marcado no português falado no Libolo/Angola*. São Paulo, Manuscrito.

A seguir, apresenta-se uma amostra do *corpus* específico da pesquisa de mestrado “*As construções de tópico marcado no português falado no Libolo/Angola*”. A amostra apresentada a seguir é composta por dados coletados no Libolo em 2011, pelo professor Dr. Carlos Figueiredo, em 2013, por um grupo de pesquisadores que esteve no Libolo em trabalho de campo, e em 2016, pela professora Dra. Márcia Oliveira.

1. Este tubo de creme, mandei meter onde estão outras coisas (...) [2016S15]
2. esse jogo, por mim, considero empate [MZ23S4]
3. O brututu, usamos quando tem uma *infecção*... urinária. [DOLFEH4] (L1392)
4. Isso, aprendi [mesmo lá. (...)] [MIJOMH2] (L214)
5. Eh... bolo de Berlim, eu faço com leite, *óvo*, açúcar (...) [MIJOMH2] (L167)
6. (...) porque aqui, português, os pais também já falavam. [DOKITHX] (L88)
7. Bué de charneta com kitoka_i, a minha mãe cozinhou ontem. [2016S7]
8. (...) é um pau que cortam depois daí, o pau_i, entortam assim (...) [MNBQ] (L146)
9. Quizaca, primeiro apanha na lavra (...) [TEMALM3] (L622)
10. Quizaca, feijão, peixe, também pode comer. [TEMALM3] (L618)
11. Feijão, também fer- mete na panela e ferve. [TEMALM3] (L658)
12. tem que metê a água quen... água no fogo, água, deixa *freve* (...) [MNBQ] (L109)
13. Ginguba, vende ... às veze vende só memo pra... pra comere... [VACHIH5] (L469)
14. Luanda, vou porque tenho lá meus dois irmão. [DOKITHX] (L124)
15. Oh, o evento do lançamento do livro do Projeto Libolo, gostei bastante. [2016S6]
16. (...) o ritual, tem que fazer os dever, tem uma tradição (...) [BOQUJO2] (L165)
17. Os árbitros, aqui, alguns são incompetentes (...) [MZ23S5]
18. Na escola, eu buco buá [2016S5]
19. Lá na cozinha, preparou-se o feijão de óleo de palma [2016S9]

20. Dentro da comunidade nós aqui apenas temos curandeiros (...) [BOQUJO1] (L23)
21. Eu vendia, de ciúme, me mandaste parar de vender [MZ21S14]
22. Eu trabalhava, de ciúme, me desempregaste. [MZ21S15]
23. Os adeptos do d'Agosto, eles espiritualmente também são *fa* [MZ23S2]
24. É por isso que, nesse caso, se o técnico Zeca Amaral, ele já sabia que tava com a ciência, com a cabeça quente... [MZ23S6]
25. Os adeptos de Primeiro de Agosto, não sei o que é que eles pensam. [MZ23S1]
26. Este cachimbo, vou te roubar com ele [2016S10]
27. Você, vou te batê [2016S2]
28. O hospital, temo um posto médico (...) [COMAJO] (L73)
29. Hospital, nós temos aqui postos (...) [LUCNJO] (L69)
30. Você, vou te arrancá os dentes, você [2016S3]
31. Este porrete, vou te dar com ele [2016S11]
32. Esta televisão, eu vou viajar com ela [2016S12]
33. É, é bom técnico, ele (...) [DIDISH2] (L82)
34. Deve ser crucificado, os indivíduo [MZ23S3]
35. A Júlia é matemática, ela. [MZ22S9]
36. O Alexandre é enfermeiro, ele. [MZ22S10]
37. O Carlos é grande mecânico, ele. [MZ22S11]
38. você, vou te arrancar os dente, você. [MZ22S8]
39. vou te arrabar você, mãe [MZ22S13]
40. Amance, vou te por na TV, você [MZ22S7]
41. O meu relógio partiu. [2016S30]
42. O meu relógio estragou. [2016S31]
43. O meu relógio avariou. [2016S32]
44. Porras, essa merda do pneu furou de novo! [2016S33]
45. Oh! Tás linda! - O cabelo cresceu! [2016S35]
46. O feijão cresceu onde Lusinela não esperava [2016S39]

ANEXO I

CHAVE DE TRANSCRIÇÃO DO PROJETO LIBOLO

BANDEIRA, M.; FIGUEIREDO, C. G.; FREITAS, S.; LOPES, F. J.; OLIVEIRA, M. S. D.; SANTOS, E. F. & SILVA, R. A. **“Projeto Libolo” – organização e metodologia para transcrições dos dados**. Manuscrito. 2014.

Vila de Calulo, Comuna de Calulo (Libolo/Angola)
Foto: Espólio do “Projeto Libolo” (captada em 10/ 07/ 2013)

CHAVE DE TRANSCRIÇÃO PARA O “PROJETO LIBOLO”

por
Carlos Filipe Guimarães Figueiredo

APRESENTAÇÃO

A chave de transcrição adotada para grafar o português do Município do Libolo, Província do Kwanza-Sual, Angola, no âmbito das recolhas do “Projeto Libolo”, segue, de muito perto, dela se transcrevendo alguns trechos na íntegra, a proposta da Chave de Transcrição do Projeto Vertentes, disponível em:

http://www.vertentes.ufba.br/images/paginas/projeto/chave_de_transcricao.pdf

Excetua-se algumas adaptações específicas, com vista a refletir a realidade linguística dos falantes do Libolo.

INDICAÇÕES PRELIMINARES

1. Indicação de trecho ininteligível: (ININT) (com recurso a parêntesis curvos):

Ex.: INF: Depois é veio de trás, quê (ININT) onde quê stáva?

2. Indicação de interrupção do inquérito, seguida da sequência deslocada Do diálogo/entrevista, tudo em itálico e entre parêntesis curvos: (*INTERRUP > sequência deslocada do diálogo/entrevista*):

Ex.: DOC2: Então os seus pais nasceram aqui?

INF: Nasceram mesmo aqui sim.

(INTERRUP > DOC2: Depois me lembra de perguntá(r) pra ela tá?

DOC. 1: Hum hum...

DOC 2: Então tá.) O... a mãe nasceu aqui?

INF: A mãe nasceu na Caxica.

3. O texto deve ser pontuado com moderação.
4. Colocar, entre chaves, trecho sobre o qual não há certeza na audição:

Ex.: INF: saiu só *pa* ver se vai no {catungo} *pa* comer,

5. Indicação de realização inusitada de uma palavra ou expressão (p.e. formas dialetais das palavras padronizadas ou das formas fonológicas *standard*), grafadas com ortografia

padrão e em itálico, de modo a reproduzirem o enunciado real. Se o programa usado na transcrição não permitir a utilização de itálico, deve colocar-se a palavra entre aspas.

Exs.: INF: *dante* andava aí nas tonga,

INF: tinha lá uns senhor que *andem* na lavra,

INF: *Mê* nome em casa é Didi.

INF: *Num* sei o nome dele.

Obs.: Sem o itálico, o leitor tende a pensar que o digitador se esqueceu do “s” final no primeiro exemplo ou terá cometido erros ortográficos nos outros exemplos, ao invés de aceitar as realizações inusitadas.

6. Palavra desconhecida, ouvida nitidamente na transcrição/revisão, também deve ser grafada em itálico. Fornecer o significado da palavra (entre parêntesis retos com o sinal de =), caso ele seja conhecido.

Ex.: INF: *pa ficá(r)* limpo que aquele *cazumbi* [= espírito] do marido vai,

7. Se o documentador fizer algum comentário durante a fala do informante, sem interromper o seu fluxo sintático-discursivo, deve indicar-se com reticências a continuidade desse fluxo do informante, intercalando a fala do documentador.

Ex.: INF: Mete lá a *muamba*...

DOC1: Ham. Mete...

INF: ... com óleo.

8. Nos casos de discurso direto, deve utilizar-se aspas e pontuar-se antes de fechar as aspas.

Ex.: INF: Então é por aí que o padre A.1 disse: “*Não, esse ano vamo ter que estar assim.*”

9. Recursos não verbais devem ser indicados entre chaves e grafados em maiúsculas.

Exs.: INF: A falar português? {RISO} Na... no meu início mesmo já de... do estudo.

DOC: Hum... então mas... vocês para cozinhar naquele tempo {TOSSE}
no... no Quitexe,

10. Indicar, entre parêntesis retos, a forma padrão do vocábulos, caso ele suscite dúvidas quanto ao seu entendimento.

Ex.: INF: começa *istolar* [torrar]

CRITÉRIOS GERAIS

1. Registrar, rigorosamente, TODOS os fatos no nível da morfossintaxe:

1.1. Concordância de número variável.

Exs.: INF: Aqui na comuna *num* tem, só ali, **naquelas área** ali.

1.2. Concordância de gênero variável.

Ex.: DOC1: Vai dentro, *né?*

INF: Sim, até **os veia**...

DOC1: Ham...

1.3. Concordância verbal variável.

Ex.: INF: Então **nós começo** lá *sabir* [subir] no carro *co* todo as família,

1.4. Omissão de preposições, artigos, complementizadores, etc.

Ex.: INF: Quando chega na comuna *começare ouvi(r)* **pessoas está... está** *morrê(r) muito*.

(Port. padrão: ... comecei a ouvir que pessoas estavam a morrer muito)

1.5. Repetições/pausas audíveis, sinalizadas com reticências.

Ex.: INF: *Paladismo* tem, mas **num... num** tem assim muito

1.6. Falsos começos, correções e quebras no encadeamento do enunciado, representados com barra dupla //.

Exs.: INF: **Somo**// as... **as menina**// os rapaz morreu lá...

INF: recolhe ca... coconote, dendém vende **nessa**// nos branco que *tava* aqui.

1.7. Hesitações sinalizadas com recurso a reticências.

Ex.: INF: Os branco **num... num... num** queria assim.

INF: **quan... quando** falava com o avô?

1.8. Palavras parciais marcadas com hífen.

Ex.: INF: Um *dê*... um de quarenta e **se-** e quatro e... **quare-** e... quarenta e quatro.

1.9. Intervenções paralinguísticas e interjeições transcritas com recurso à ortografia padronizada e sempre grafadas com *h*:

Exs.: INF: **Hum hum.** Muito bem. E então...

INF: **Ham...** no tempo já de coe– de colher o feijão, vendo...

Obs.: Indicar a categoria da interjeição, entre parêntesis retos, caso a forma transcrita não seja suficiente para esclarecer o uso da mesma.

Ex.: INF: **Éh!** [interjeição de surpresa] Esse carne de paca

1.10. Ocorrências lexicalizadas, como nomes de pessoas, lugares, músicas, jogos, locuções conjuncionais, etc., grafados com hífen entre os seus elementos:

Ex.: INF: vai voltar marcha atrás fica aí no **Chiano-Hena**.

INF: **às-veze** de *comere*, começou miséria.

1.11. Separar o tópico por vírgula.

Ex.: INF: **Luz aqui no bairro**, não tem.

INF: **Quimbundo**, falo, **português**, falo, mas se alguém...

1.12. A negação frásica externa (dupla negação) deve vir sem vírgulas.

Ex.: INF: Aqui ***num* tem não**.

1.13. Deve distinguir-se o *né* de valor estritamente fático, que deve vir entre vírgulas, do *né* com entoação de pergunta, que deve vir acompanhado por ponto de interrogação.

Ex.: INF: Eh... de momento, quando ainda *tou* a estudar ***né?***

INF: dava muita *pinera ê nã sô pa pinera*, ***né, né, nã*** ligava...

2. Fatos fônicos que não devem ser registrados.

2.1. Elevação das vogais médias em distribuição pré-acentuada, quer no interior de um mesmo vocábulo, quer no interior de um grupo de força (como no caso das sequências com a preposição *em*), e pós-acentuada não-final.

Exs.: **estava**, e não *istava*; **domingo**, e não *dumingo*; **em** casa, e não *im* casa; **rédea**, e não *rédi*a.

2.2. Elevação das vogais médias em posição átona final.

Exs.: **nome**, e não [nomi]; **mato**, e não [matu].

2.3. Ditongação antes de consoante constritiva implosiva.

Ex.: **mês**, e não [meys].

2.4. Ditongação da terminação nasal –*em*.

Exs.: *tem*, e não *teim*; **ninguém**, e não *ninguéim*.

DETALHAMENTOS

1. Consoante implosiva /S/

1.1. A variante zero deve ser registrada:

Ex.: INF: nós também andava aí com as **mãe** ali.

1.2. Registrar as variantes velar/glotal do vocábulo “**mesmo**”, colocando a variante **memo** em itálico:

Exs.: INF: Sim sim. Nasci **mesmo** aqui no bairro.

INF: Antes de ir na escola a criança aqui já sabe *memo* falar um pouco português.

2. Consoantes líquidas /R/ e /L/

2.1. O /r/ final das formas verbais do infinitivo deve ser marcado entre parêntesis curvos, quando não é realizado.

Ex.: INF: *pa fíca(r)* limpo que aquele *cazumbi* [= espírito] do marido vai,

2.2. A forma infinitiva do verbo “**ir**” deve ser sempre transcrita como **ir** e nunca como **i**.

2.3. Registrar os rotacismos em itálico.

Ex.: INF: onde é que *tô* vir que *fareceu* minha *mulhê*.

2.4. Registrar os lambdacismos em itálico.

Ex.: INF: Então cada *quale* *alanja* *lugá*... a... a forma *pra ire* embora.

3. Metaplasmos por adição e por supressão

3.1. Prótese (acrescentamento de fonema no início do vocábulo) - registrar a palavra em itálico, com a respetiva prótese

Ex.: INF: agora já começô pedir o *anguia* [guia] pra *vire* aqui no Huaco

3.2. Epêntese (acrescentamento de fonema no interior do vocábulo) - registrar a palavra em itálico, com a respetiva epêntese.

Ex.: INF: começa meter, pronto *siéca* [seca]

3.3. Paragoge (acrescentamento de fonema no final do vocábulo) - registrar a palavra em itálico, com a respetiva paragoge.

Ex.: INF: *Nózo* [nós] agora já *começô* pedir

3.4. Aférese (supressão no início do vocábulo) - registrar a palavra em itálico e com apóstrofo.

Ex.: INF: ‘*pôs* [depois] o mi– o *fêjão*... até *janêro* já está *recoliar* [recolher]

Exceções: *cê, tá, tão, tamos*.

Ex.: INF: O tipo// como esse que *tamo* ver aqui no norte.

3.5. Síncope (supressão de fonema no interior do vocábulo) - registrar a palavra em itálico.

Ex.: INF: Ah é só biscato, *fazere* o *bicato* aí.

3.6. Apócope (supressão de fonema no final do vocábulo) - registrar a palavra em itálico.

Ex.: INF: batata doce *tambê*

Nota: O /r/ final das formas verbais do infinitivo deve ser marcado entre parêntesis curvos, quando não é realizado (ver “Detalhamentos”, nota 2.1). Excetua-se o infinitivo do verbo “ir” (ver “Detalhamentos”, nota 2.2) e suas situações de paragoge, que devem ser registradas:

Ex.: INF: Então cada *quale alanja lugá*... a... a forma *pra ire* embora.

3.6.1. A supressão de segmento final do vocábulo deve ser também registrada com apóstrofo, quando ocorrer junção com vocábulo posterior, e/ou elisão/aglutinação entre palavras diferentes.

Exs.: INF: Andava *co’ a* minha mãe.

Exceções:

(i) A elisão com o “**que**” não deve ser registrada: **que eu**, e não *qu’eu*; **que é**, e não *qu’é*.

(ii) As formas da preposição “**para**”, com ou sem contração, devem atestar os usos de fala e serem registradas sem apóstrofo, mas em itálico, caso atestem variação: **para a**; *pa; pra; para o; pó; pró; pro*.

4. Ditongos/semivogais e hiatos

4.1. /N/

! Deve registrar-se a redução dos ditongos nasais em final de palavra:

Ex.: Agora aqui...tem só um filho de **home**.

4.2. Registrar a redução de ditongos em posição inicial, medial e final, utilizando o acento circunflexo na sílaba tônica.

Exs.: INF: é... *ôto*calo [autocarro] de... de Queirós também

INF: com vinte de *ont*umbro pega milho e *fê*chão [feijão]

Exceção: A conjunção “*ou*” deve ser sempre transcrita por **ou** e não *ô*.

4.3. Registrar as alterações de timbre dos ditongos, por abaixamento.

Exs.: INF: depois... quando *se*poriu [separou] os feijão

4.4. Grafar o vocábulo [iá] como *ya* [= **sim**], quando significa “sim”.

Ex.: INF: *Ya* [= **sim**]. O meu pai e a minha mãe sempre reside mesmo aqui nesse local.

5. Padrão Silábico CCV

5.1. Redução do grupo CCV > CV:

Exs.: INF: o... o *administatore* ... [administrador]

DOC: hum...

INF: ... é que vou... que vou lhe dar o quê?

5.2. CCV > CVC:

Ex.: INF: Começa já é dar *forore* [flor]

5.3. CVC > CCV:

Ex.: INF: pronto pega *prostadore* [portadores] começa meter

6. Vogais

6.1. Abaixamento das vogais altas em distribuição não acentuada:

Ex.: INF: saiu lá *dênsceu* [desceu] aqui *pra baxo*

INF: *Paladismo* [paludismo] tem, mas *num... num* tem assim muito.

6.2. Elevação de vogais

Ex.: INF: quando você *quere* começa já *moir* [moer]

6.3. Nasalização:

Ex.: INF: Dia um... *ãh*, dia vinte de *angosto* de setenta e nove.

6.4. Usa-se o acento de timbre para indicar uma realização distinta da normal:

Ex.: INF: tem três filho, *doz mulhére*, um *dê* [de] *homê*.

6.5. Troca de *e* ou *em* por *a* ou *an*, e vice-versa:

Ex.: INF: tinha lá uns senhor que *andem* na lavra.

6.6. Ditongação:

Ex.: INF: ‘*casca* [descasca] e mete no quê... no... no *fuoco* [fogo].

7. Consoantes

7.1. Palatalizações:

Ex.: INF: *Xobe* [sobe] no carro, ‘*cora* [agora] vai na fazenda....

8. Inserção e supressão de segmentos fônicos.

8.1. Redução de proparoxítonas, bem como das falsas proparoxítonas, mantendo o acento para facilitar o entendimento da forma, quando necessário.

Ex.: INF: *cora* [agora] *sôs* [somos] no *navinho* [navio]... *tivo* [tive] *bleto* [bilhete]

NOTA: Os exemplos constantes deste anexo reflectem situações de fala do português do Libolo e são parte integrante dos dados do *corpus* do “Projeto Libolo”, colectados em 2011 e 2013.